A CENA MUDA

BIBLIOTECA

Nº 22
$ 4,00 em todo o Brasil



REPORTAGEM COM

B E A T R I Z
C O N S U E L O

★ OS DON JUANS INTERNACIONAIS

★ VIVIEN LEIGH ENTRE OS GRANDES VULTOS DA TELA

★ JANE RUSSELL
(A NOSSA CAPA)

★ A COMÉDIA NO CINEMA

INSINUANTE ESTÁ FESTEJANDO SÃO JOÃO COM UMA TREMENDA LIQUIDAÇÃO

ESTA SIM! É QUE É A MAIOR!

45.000 PARES QUE VÃO SER QUEIMADOS POR QUALQUER PREÇO

insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.

CARIOCA 46-48 - SETE DE SETEMBRO 199-201



Gina Lollobrigida consegue conciliar o tipo adequado à correta interpretação.

PRÉ-ESTRÉIA DO FESTIVAL ART-FILMS

INSATISFEITA

3

Quais as intenções do autor do livro, Alberto Moravia? Julgar através das imagens nem sempre é fácil, quando não é conhecida a obra original. Principalmente por causa das inevitáveis mudanças de adaptação. Entretanto, o mesmo não ocorre no tocante à essência dos pensamentos, ao espírito geral que orientou o escritor. Através dêste ponto de vista, "La Provinciale peca pelo excesso de arranjo de circunstâncias. Não é a vida que palpita, com o seu sentido humano. O artificialismo, a busca de motivos de sensação, aqui está presente. Basta dizer que, no início, o tema explora um caso de amor entre irmão e irmã sem, é claro, conhecimento desta situação entre ambos. Depois, expõe um adultério e, desnecessàriamente, minúcias sórdidas em tôrno de uma terceira pessoa que passa a explorar comercialmente a união do par. Por piores que sejam as situações poderia restar, no conteúdo, a ânsia de estudar o mal para construir, em favor do infeliz ser humano. Nada disto se dispuzeram os principais responsáveis. Entretanto, por outro lado, necessário se torna fazer justiça. Mesmo presos à involução, as personagens foram bem devassadas interiormente tanto na origem quanto nas imagens.

E têm início, assim, as qualidades cinematográficas. Destaca-se, de imediato, o inteligente roteiro de Mario Soldati, Giorgio Bassani e Sandro Di Feo. O desenrolar é retrospectivo, com as recordações de diversos dos protagonistas do tema. Cada um tem as suas razões e elas foram bem ajustadas, com uma unidade descritiva fluente, da parte de Mario Soldati, bom diretor. Contudo, pelas circunstâncias acima apontadas e por outras mais, falta uma fôrça capaz de elevar a forma acima do limite do bom. Na maioria das vêzes, a culpa está mesmo na história. Não se compreende, entre tantos exemplos que a mãe da jovem heroína custasse tanto a revelar à filha o segrêdo da origem do seu nascimento. São, precisamente, diversas dessas acomodações que prejudicam o crescimento.

Gina Lollobrigida não é apenas um físico de mulher provocante. Em meio dessas desvirtuações publicitárias, que glorificam o sexo, observa-se que há uma criatura sensível, artisticamente. É muito bom o seu desempenho, conforme o foi, há pouco, naquela curiosa decaída de "A volta da perdida". Aliás, tanto a atriz quanto o filme ganharam os prêmios máximos da crítica italiana, para o ano anterior. Porém, deve ter havido um certo exagêro de opinião. Basta, apenas, confrontar com tantos outros superiores que têm sido exibidos da Itália, referentes ao mesmo período. São, afinal, os mistérios de certos julgamentos. Depois de Lollobrigida, sòmente se pode elogiar o elenco que, através da boa influência de Soldati, muito valoriza o desenrolar: Gabriela Ferzetti (na mercadora do amor), Franco interlengui (no cientista), Nanda Primavera, Marylin Buferd, Barbara Berg e outros. De valor a fotografia, de G. R. Aldo e a música, de Franco Mannino. Título original: "La Provinciali", Itália.

J O N A L D

N.º 22 de 2-6-54

SUMÁRIO

REPORTAGENS ESPECIAIS

Don Juans Internacionais 4
Os Melhores Filmes de Todos os Tempos 6
Grandes Vultos: Vivien Leigh 10
Os Livros e as Imagens na França 12
Reportagem com Beatriz Consuelo 14
Os Cômicos no Cinema 18
Jane Russel 26
De Todo o Mundo 27
Quais os Filmes que Desejaria Rever .. 30

SEÇÕES PERMANENTES

Pré-Estréia: "Insatisfeita" 3
Novela das Imagens 22
Cinema Brasileiro 27
Cartazes em Revista 28
Teatro 30
Cine Respostas 32
Rádio 32
Página do Leitor 33



Espelha-se tôda uma tragédia.



Rubirosa, «Rubi» para elas.

DON JUANS INTERNACIONAIS

(SÉCULO XX)

Por H. ANDERSEN, exclusivo para "A CENA"



Aly Khan, príncipe para os muçulmanos

Os don Juans internacionais tiveram grande influência entre as "estrêlas" de cinema. Um, é o príncipe milionário, que passa a vida se divertindo como pouca gente o fêz ou pode fazê-lo: Ali Khan. Indiscutivelmente Ali é um homem atraente e possui "classe". Outro é o diplomata, esportista e conquistador portorriquenho Pofirio Rubirosa.



A primeira "estrêla" que conseguiu conquistar Ali, pelo menos por um par de anos foi a atraente Rita Hayworth, que é considerada por muitos homens como a mais bela e sedutora mulher do cinema. Rita, que teve que lutar muito tempo no anonimato como Margarida Cansino, conseguiu fama e dinheiro como Rita Hayworth. Conseguiu também maridos famosos entre os quais o "genial" Orson Welles. Depois de Welles conheceu Ali, e com êste novo, romance escandalizou meio mundo, até que um dia Margarida, Rita ou Gilda como queiram, casou-se com Ali. Pode-se dizer que foi um casamento espetacular. Muitos convidados, muitos curiosos, uma centena de cinegrafistas e fotógrafos viram o casamento de Rita com Ali. Foi um casamento de príncipes à la Hollywood... Nasceu depois a princesinha Yasmin, mas a paixão já se arrefecia e o divórcio foi inevitável.

Rita voltou a Hollywood e começou a trabalhar novamente no cinema. Ali prosseguiu na sua carreira de "bon vivant".

A doce Gene Tierney foi até a Europa e lá encontrou-se com o príncipe, que disputadíssimo encontrava entretanto sempre algum tempo para Gene. Novamente muita gente se escandaliza, mas Gene já não se importa com as opiniões alheias e o romance prossegue. Parece que o casamento será bem pròximamente, apesar de Gene negá-lo, dizendo que quer antes conhecer bastante os seus sentimentos em relação a Ali e vice-versa.

Anteriormente Ali estivera de namôro com a francesinha Danielle Delorme, que fôra infelicíssima com seu espôso Daniel Gélin. Também a extraordinária bailarina negra Dunham estève no rol das conquistas dêste famoso Don Juan.

Zsa Zsa Gabor, uma das mais belas mulheres de Hollywood saía muito com o cotado Porfirio Rubirosa, segundo conquistador internacional. Mas Porfirio preferiu Barbara Hutton e seus milhões, entretanto falavam que Zsa Zsa continuava a sair com Porfirio, mas esta

A tenacidade de Zsa-Zsa venceu o dinheiro de Barbara.



Rita, um marido por filme. Exemplo típico do arrivismo no cinema. A «vamp» tem as suas «iras».



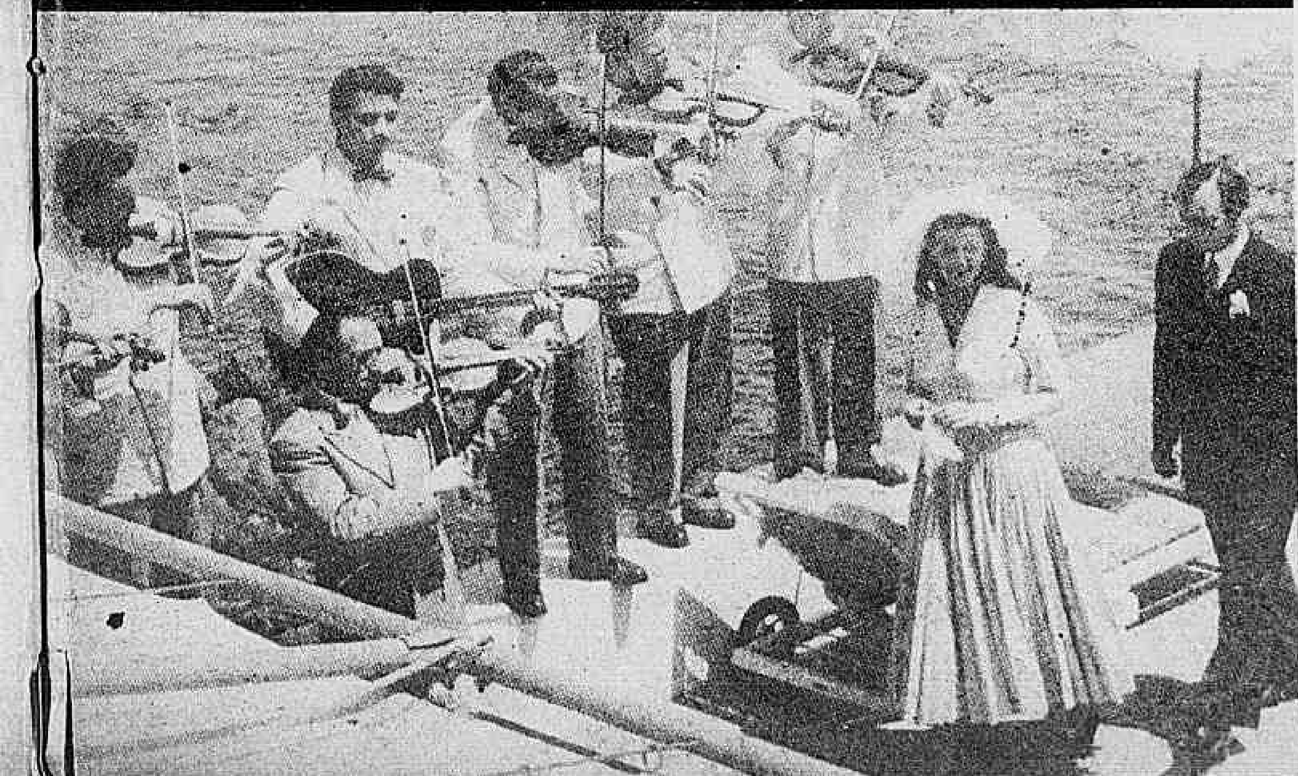
Zsa-Zsa Gabor, a não muito jovem, mas sempre bela.

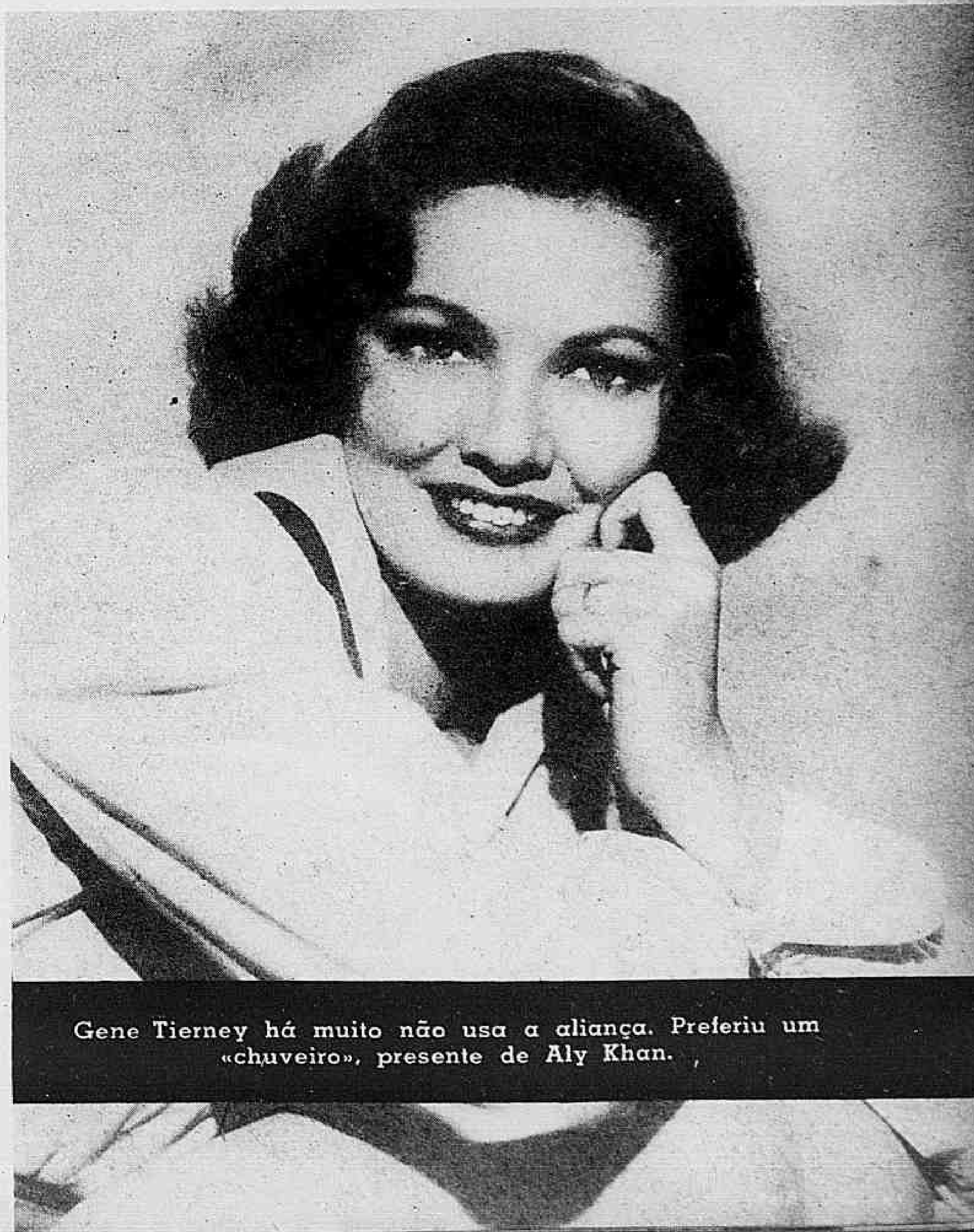
negou dizendo que era contra a sua ética ser cortejada por senhores casados.

Mas agora Barbara Hutton já está movendo ação contra seu marido que é conquistador incorrigível. Porfirio não perde tempo e dizem que Zsa Zsa, tendo se divorciado recentemente de George Sanders, está novamente em cartaz. Entretanto Porfirio declara que já está cansado com tantas atenções da bela atriz e pede que ela o deixe em paz.

Por certo Ali e Porfirio têm grande "cartaz" entre os grandes "cartazes" de Hollywood.

Rita ouve, em companhia de Aly Khan, sua música predileta: «A Marcha Nupcial».





Gene Tierney há muito não usa a aliança. Preferiu um «chuveiro», presente de Aly Khan.



«Nossa Cidade», obra prima de Sam Wood (United), com William Holden, Frank Graven é Martha Scott.

«Eduardo VII», de Marcel L'Herbier (Flora Filme), com Gaby Morlay e Victor Francen.



OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPOS

DE JONALD, EXCLUSIVO PARA "A CENA"
(Continuação dos números anteriores)

1941

O ano de 1941 começou a refletir, perante o cinema, os efeitos da guerra mundial que se desencadeara em 1939. Assim, desvaneceu-se a repercussão do crescimento artístico do cinema europeu, particularmente do francês. Enquanto a estatística anterior, referente a 1940, acusava, entre os 60 melhores filmes do ano mais da metade como de procedência européia, em 1941 êste número desceu a apenas 10. Com cinqüenta realizações classificadas voltou os Estados Unidos a manter plena ascendência em nosso meio contra seis celulóides originários da França e quatro da Grã Bretanha. Ainda assim, foi um ano em que despontaram diversas obras-primas, das mais importantes do cinema falado, conforme veremos a seguir.

1.º — "CIDADÃO KANE" ("Citizen Kane", RKO). Ao morrer, um indivíduo balbucia confusas e misteriosas palavras. Procurando decifrar o enigma, um dos seus amigos passa a inquerir diversas pessoas que reconstituem diferentes fases da vida do extinto. Os acontecimentos não seguem a ordem dos fatos. Ao contrário, ora o evocado está no período de adolescência, ora surge como um ancião para, novamente ser figurado como um jovem. Foi êste o primeiro filme que explorou, com excepcional habilidade, a estranha e diferente idéia. Mais adiante, diversos outros procuram seguir as pegadas, sem a mesma e tão invulgar concepção de Orson Welles. Êste diretor inspirou-se em famosas escolas expressionistas do cinema silencioso, particularmente do áureo "climax" do cinema alemão. Para isto, segundo êle próprio confessou, passou longas semanas assistindo a todos os velhos filmes no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. Embora inspirado em outros estilos, o fato é que logrou uma das três ou quatro melhores realizações de 25 anos de cinema falado. Aproveitando diversas oportunidades, tanto aqui quanto no estrangeiro, analisamos detidamente esta culminante obra prima. Significou uma transposição, eminentemente favorável, de antigas divagações para a época contemporânea. Dificilmente se poderá esquecer a composição plástica dos quadros e o ritmo, desconcertante e poderoso. O próprio di-

«Um Rosto de Mulher», de George Cuckor (Metro) com Joan Crawford.



retor, Orson Welles (na sua máxima produção) foi um magistral intérprete e Joseph Cotten o acompanhou de perto.

2.º — "NOSSA CIDADE" ("Our Town", United). Excepcionalmente, classificamos dois filmes em primeiro lugar. Tudo porque, embora totalmente diversos em conteúdo e forma, figuram entre os mais grandiosos dentre os melhores filmes de um quarto de século do cinema falado no mundo. Obra prima, de poderosa mensagem, foi um dos celulóides que melhor figurou o prosseguimento da vida, em outras esferas, superiores e infinitas. Ao contrário do misticismo de "Cidadão Kane" tudo aqui aflora com emotiva simplicidade. Entretanto, a base, a famosa peça de Thornton Wilde, parte de profunda divagação. A um espírito é outorgado o poder de retornar à Terra, na sua pequena e simpática cidade natal. Porém, a fim de facilitar a compreensão da massa, é figurado como se fôra um símbolo da morte. Apesar da origem, tudo no filme está repassado de suave emoção poética. O que ocorre singele cidade é a vida dos simples que passa, com o seu encantamento. O "climax" dêste filme mostrou uma das mais profundas e tocantes mensagens do cinema. Recordou que existe uma infindável fôrça além desta vida. As imagens passam a figurar a etérea passagem a regiões superiores à existência humana. Em meio de atmosfera tão estranha quanto bela advém a máxima proposição: "devemos amar a vida porque tudo é eterno". Fantástico ou inacreditável para uns, o tema significou um perene contacto a perenidade do belo. Elevada inspiração irmanou todos os responsáveis. O cineasta Sam Wood, na sua culminante obra, teve o auxílio dos desenhos da planificação de William Cameron Menzies. Nos trechos que fixam a vida no espaço, surgiu a mais envolvente das atmosferas plásticas. Nos desempenhos, o mesmo halo de grandiosidade. Martha Scott, sensível, espiritual. William Holden magnífico e Frank Craven, no espírito errante, algo de extraordinário. Principalmente porque avulta, cada vez mais, o vínculo material no mundo, eis um filme que deveria retornar às telas.

3.º — "A LONGA VIAGEM DE VOLTA" ("The Long Voyage Home", United). Uma grande peça de Eugene O' Neill serviu de base. Embora o conteúdo seja vasado em clima de poesia nostálgica e certo pessimismo nas suas conclusões, tudo foi compensado pela extraordinária forma imposta pelo talento de John Ford, em uma das suas mais belas concepções de cinema. De certo modo, a amargura da história tem a sua semelhança com algumas que serviram ao apogeu de Marcel Carné, na França. Um indivíduo, que havia tido uma frustada existência, recorda, a bordo de um sórdido navio, a amargura do seu passado. Ian Hunter viveu, em impressionante realismo, o drama dessa personagem e Thomas Mitchell e John Wayne o secundaram com brilhantismo.

4.º — "FANTASIA" (RKO). Walt Disney no "climax" da carreira teceu um hino de poesia e encanto à prodigalidade da natureza e da criação. Em meio de harmonia de inspirações de côres, perspectivas e música (os trechos da "Pastoral", de Beethoven e o da criação do mundo são inolvidáveis), despontou uma obra-prima que promoveu um dêsses indeléveis êxtase com as regiões do belo. A maior concepção em desenhos da história do cinema figura entre os máximos filmes do ano, contou com o apoio de Stokovsky que efetuou lindos arranjos de imortais obras clássicas.

5.º — "EDUARDO VII" ("L'Entent cordiale", França). Inspirado em famoso acontecimento histórico, nos fatos anteriores ligados à assinatura entre a França e a Inglaterra de um tratado de paz que selaria, em definitivo, o rosário de guerras que vinha dos tempos imperiais. Rara precisão, no tocante à verdade dos fatos, atmosfera descritiva foram duas das admiráveis características da direção de Marcel L'Herbier. Victor Francen e Gaby Morlay viveram os seus papéis neste filme de rara dignidade.

6.º — "DUAS MULHERES" ("L'Empreinte de Dieu", França). Ainda foi uma das preciosas realizações anteriores à segunda carnificina mundial. Drama de paixão, ciúme e vingança, no estilo realístico francês, bem peculiar à época de apogeu da sua cinematografia. Difícil esquecer certas minúcias da direção do notável Leonide Moguy, inclusive o paralelismo que usou de uma briga de galos com uma das situações do tema. Entretanto, cum-



«Cidadão Kane», de Orson Welles (RKO), com Orson Welles e Joseph Cotten, o melhor filme do ano 1941.



«Duas Mulheres», de Leonide Moguy (Zana), um dos grandes filmes franceses exibidos no ano de 1941.


«Lady Hamilton», de Alexander Korda (Inglaterra), com Vivien Leigh e Laurence Olivier.


«Gavião do Mar», de Michael Curtiz (Warner), com Errol Flyn e Olivia de Haviland.

OS MELHORES FILMES...

pre notar a evolução dêste cineasta que, na atualidade dedica-se apenas a filmar temas construtivos, com úteis mensagens para êste mundo tão necessitado delas. Interpretações de Jacques Dumesnil e Ginette Leclerc.

7.º — "KITTY FOYLE" ("Kitty Foyle", RKO). Inspirado na célebre obra de Christopher Morley, foi outra personalíssima obra diretorial de Sam Wood, nas culminâncias das suas inspirações. O roteiro era baseado em retrospectos de pensamentos, cujo "ciclo" na tela se intensificava naquela época. As reminiscências partiam de pequeno globo de cristal, com flocos de neves, através do qual rumavam as divagações da heroína (Ginger Rogers, em excelente atuação) nas histórias dos seus amôres. Adolphe Menjou e Dennis Morgan foram dois eficientes colaboradores dêsse êxito.

8. — "A CARTA" ("The Letter", Warners). A grande peça de Somerset Maughan em filme de rara fôrça emocional, através da direção de William Wyler. O tema havia sido filmado, pela primeira vez, em 1929, direção de Jean Limur, com Jeanne Eagles e Herbert Marshall. Êste mesmo ator, em 1941 voltou a viver o mesmo papel, desta feita ao lado da grande Bette Davis, em um dos seus memoráveis desempenhos.

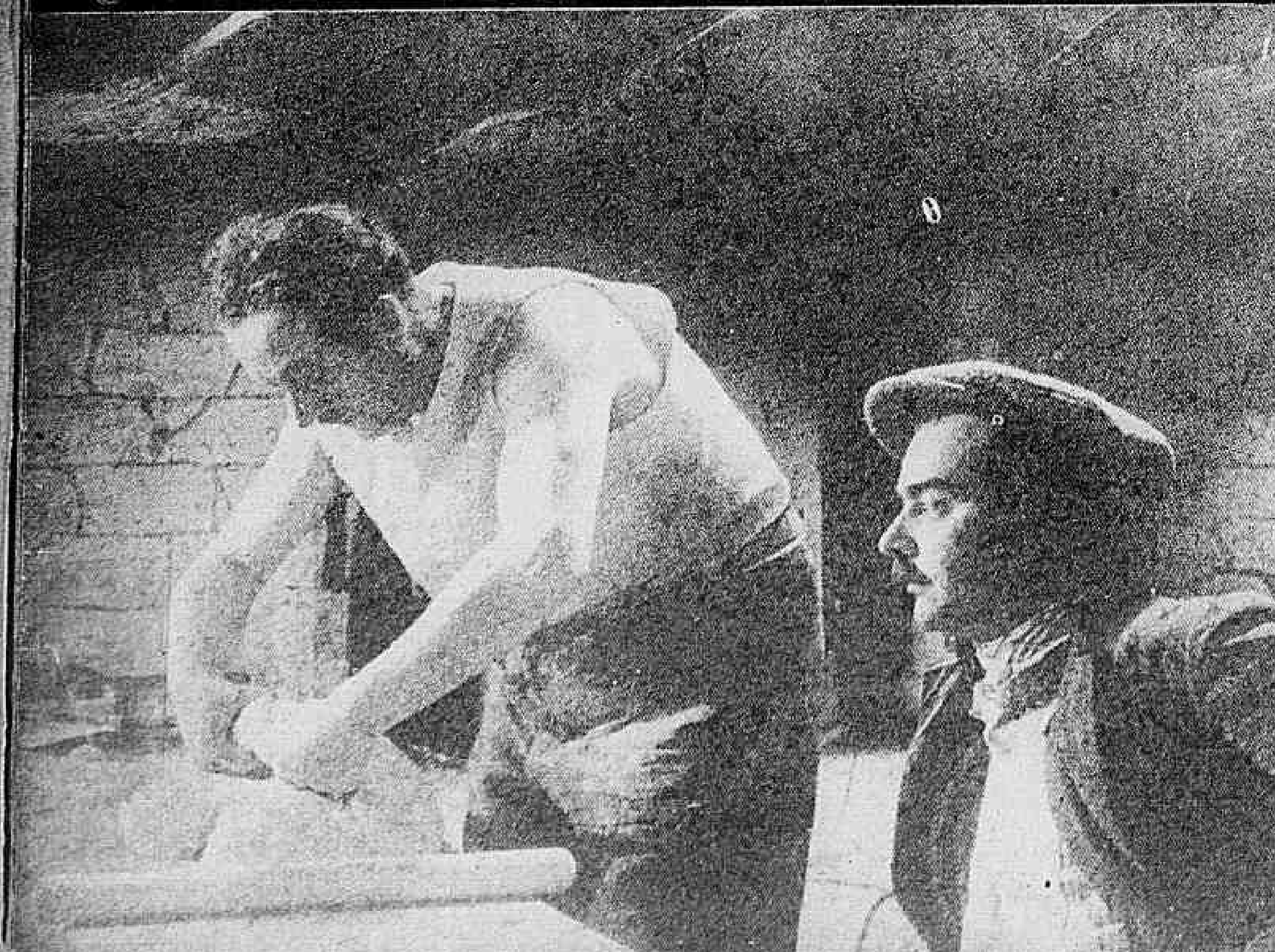
9.º — "UM ROSTO DE MULHER" ("Woman's Face", Metro). Uma novela de Croisset que tanto serviu para um dos primeiros êxitos de Ingrid Bergman, na Suécia, (exibido, no corrente ano, no Rio, com o título de "A mulher que vendeu a alma") quanto para um dos maiores trabalhos da grande Joan Crawford. Por intermédio de conteúdo psicológico intenso, George Cuckor logrou um dos mais destacados celulóides do ano. Conrad Veidt muito contribuiu para o sucesso artístico do belo filme.

10.º — "LADY HAMILTON, A DIVINA DAMA" (Lady Hamilton", Grã Bretanha). Muito embora a vida do Almirante Nelson não tivesse sido transposta com rigor histórico, o seu celebrado romance com Lady Hamilton, graças ao acêrto da direção de Sir Alexander Korda, foi outro dos grandes filmes do ano. Conforme sempre ocorre com os dois grandes intérpretes da tela, Laurence Olivier e Vivien Leigh, foram magistrais as suas atuações.

Embora sem tôda a atração da fase climática do cinema ainda assim surgiram diversas obras de importância após a habitual seleção dos 10 melhores do ano:

"QUE SABE VOCÊ DO AMÔR" (The Uncertain Feeling", United). Ernest Lubitsch em uma das suas deliciosas comédias. A história de um pianista alucinado (vivido com "non sense" por Burgess Meredith) que se imiscui na vida de um casal cuja espôsa (Merle Oberon, deliciosa) se julga apaixonada pela sua excentridade. Clima de irreverência, com a finura característica de Lubitsch e seus maravilhosos "toques" de direção; "A MULHER DO PADEIRO" (França). Tragi-comédia de Marcel Pagnol. A gro-

«A Mulher do Padeiro», de Marcel Pagnol, filme francês, com Raimu.



«A Carta», de William Wyler (Warner), com Bette Davis e Herbert Marshall.



tesca figura de um burguês e padeiro (uma imensa composição do genial Raimu) que é traído por uma espôsa jovem e bonita (Ginette Leclerc). O valor do filme foi devido à sábia união da sátira ao drama; "LYDIA" (United). Julien Duvivier tentou reviver, em Hollywood o êxito do mais grandioso dos seus filmes: "Um "carnet" de baile". A história tinha seus pontos de contato com a criatura que reúne, em um jantar, os adoradores do passado e rememora os romances, isoladamente. Ficou distante da sua obra-prima mas ainda foi um belo filme. Merle Oberon, Joseph Cotten, Allan Marshall e Edna May Oliver em grandes atuações; "SANGUE E AREIA" (20th. C. Fox). A refilmagem do livro de Blasco Ibanez que, no cinema silencioso foi um grande êxito de Rodolfo Valentino, Nita Naldi e Lila Lee, ainda teve o seu valor no falado. O sentido plástico dos quadros e emocional da narrativa de um excelente diretor, Rouben Mamoulian, ao lado de desempenhos de mérito formou um esplêndido conjunto. Tyrone Power, Rita Hayworth, Linda Darnell e Alla Nazimova viveram os papéis já glorificados na primeira fase das imagens; "O DIABO E A MULHER" (RKO). Demonstrando a versatilidade do seu talento, Sam Wood obteve uma das comédias mais irônicas e divertidas dos últimos tempos para a época. Aproveitou o máximo de Jean Arthur, Robert Cummings e Charles Coburn; "O PATRIOTA" (França). Um drama histórico, reconstituido com austeridade e respeito pelo diretor Nicolas Farkas. Proporcionou a Pierre Renoir, que já positivara as suas grandes qualidades de ator, um dos seus bons desempenhos; "SEUS TRÊS AMÔRES". A heroína fixa, com ironia, os seus três amôres nas pessoas de Tom, Dick e Harry (aliás, o título original da película), bem desempenhados particularmente por Burgess Meredith, George Murphy e Garson Kanin, um magnífico cineasta, em outro dos seus admiráveis filmes; "DOIS CONTRA UMA CIDADE INTEIRA" (Warners). Um relato tão pleno de sentimento e poesia que dificilmente será esquecido. Uma das precisas realizações de Anatole Litwak, conduzindo James Cagney, Ann Sheridan e Donald Crisp com maestria; "LADRÃO DE BAGDAD" (Grã Bretanha). Apenas inspirado no célebre filme do cinema silencioso, com Douglas Fairbanks Jr. No gênero fantasia foi um dos impressionantes celulóides do cinema falado. Direção de Michael Powell e Ludvig Berger e excelentes desempenhos de Conrad Veidt, June Duprez e Sabu; "O MORRO DOS MAUS ESPÍRITOS" (Paramount). Henry Hathaway orientando um estranho drama, através de impressionante atmosfera. A genial Betty Field e John Wayne foram dois excelentes intérpretes; "CAMINHO ÁSPERO". A grande peça "Tobacco Road" (A estrada do tabacal, representada entre nós) de autoria de Erskine Caldwell resultou em outro dos importantes filmes do ano. John Ford empregou o melhor dos seus esforços e Charles Grapewin, Gene Tierney e Marjorie Rambeau foram três dos seus magistrais comandados.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)



«Lidia», de Julien Duvivier (United), com Merle Oberon e Joseph Cotten.



«Dois contra uma Cidade Inteira», de Anatole Litwak (Warner), com James Cagney e Ann Sheridan.



«Ladrão de Bagdad», de Ludwig Berger (Inglaterra), com Conrad Veidt, Sabu e June Duprez.

«O Gênio do Crime», de Anatole Litwak (Warner), com Edward G. Robinson e Humphrey Bogart.



«Kitty Foyle», de Sam Wood (R.K.O.), com Ginger Rogers.





Vivien Leigh ao lado de Marlon Brando, em sua inesquecível criação no filme: «Uma Rua Chamada Pecado».

OS GRANDES VULTOS DA ATUALIDADE E DO PASSADO — X

VIVIEN LEIGH

H. ANDERSEN E JONALD

"ballet", Vivien Leigh avulta como uma das mais gratas lembranças. (Aqui termina a contribuição de Jonald, em tôrno de Vivien Leigh).

B) A VIDA E A CARREIRA — (H. ANDERSEN

Vivien Leigh apesar de descender de inglêses é indiana de nascimento. Nasceu em Darjeeling a 5 de novembro de 1913. Recebeu educação esmerada, inicialmente no Convent of the Sacred Heart e posteriormente estudou na França, Alemanha e Itália, daí falar bem várias línguas.

Ainda muito jovem seu talento e sensibilidade dramática já haviam desabrochado e buscou aperfeiçoamento cursando inicialmente o Old Vic e mais tarde a Comédie Française, e ainda a Real Academia Dramática na Inglaterra. Sua primeira aparição no cinema se deu no ano de 1934, aliás em pequeno papel como uma estudante em "Things are Looking Up". Sua estréia no teatro deu-se no ano seguinte, isto é, em 1935 como

O PERFIL ATRAVÉS DAS IMAGENS

"Figurinha delicada, olhar expressivo. Encanto, sensibilidade e ternura. Vivien Leigh é uma "estrêla" que alia admiráveis dotes de beleza com o encanto de extraordinária personalidade. Para muitos, poderá ser apenas a expressão da feminilidade, tão peculiar a certo grupo do belo sexo. Realmente, por intermédio de seu desempenho em "...E o Vento Levou" alguma coisa neste sentido foi transmitido. E, não há dúvida, talvez nenhuma outra atriz, nas diversas fases do cinema, tenha captado com tanta precisão a astúcia feminina em suas manifestações perante o amor. No filme de tão ruidoso êxito mundial a sua suposta paixão por Ashley, e o encontro da sua própria personalidade, através do sofrimento, no final do celulóide, refletiram muitos outros dramas de tantas criaturas de qualquer região do mundo. Todavia, Vivien Leigh não é apenas a criatura capaz de viver a bonequinha fútil que passa pelo mundo, conhecendo as suas vicissitudes. Embora não seja nada fácil irradiar todos ésses anseios, o seu talento vai muito além. É simplesmente extraordinária. Basta lembrar algumas das suas maiores "performances". De muito recente lembrança temos "Ana Karenina", vivendo o famoso personagem já interpretado duas vêzes na tela por Greta Garbo. Ficou bem gravada a delicadeza das suas expressões quando veio a despertar o amor ou, ainda, a conhecer a desilusão de seu afeto. Sòmente uma genial atriz poderia arrematar o trabalho com aquela impressionante cena de suicídio final. Há outras destacadas atuações na sua carreira, as quais auxiliam o esbôço de seu perfil através das imagens. A suave bailarina de "A Ponte de Waterloo" deixou uma reminiscência do mais puro romantismo, outro sentimento tão difícil de ser vivido. Tem brilhado também na criatura ardorosa que não recusa convenções a fim de viver o amor na sua máxima plenitude. Assim aconteceu, por exemplo, em "A Divina Dama" ("That Hamilton Lady") quando desempenhou a parte da amante de Lord Nelson. O seu papel de Cleópatra, no filme do mesmo nome, foi outra grande criação. Enfim Vivien Leigh sabe viver admiràvelmente muito além da feminilidade tão característica do seu sexo. No seu íntimo há um grande sentido de profundidade, sentindo-se em meio de sua envolvente beleza, uma criatura de índole espiritual muito atraente.

"E, quando a conhecemos, em Londres, ao assistir às representações de "Antônio e Cleópatra" e outras, e também, entrevistâmo-la nos bastidores do "Saint James Theatre", cresceu muito mais a admiração. É também muito real a sua delicadeza. Ultrapassa mesmo tôda e qualquer espectativa a respeito. Em todos os nossos conhecimentos pessoais com os grandes vultos do cinema, teatro e

Vivien Leigh e Claude Rains em «César e Cleópatra».







Bonita e expressiva, Vivien Leigh satisfaz todos os requisitos necessários a uma atriz de cinema.

Com Clark Gable, em «E o vento levou...»



Giusta em "The Green Sash". Teve um sensacional êxito em "The Mask of Vertue" no Ambassadors' Theatre, em maio de 1935. Daí por diante sua carreira teatral entrou em verdadeira ascenção tanto como êxito comercial como sucesso artístico. Em 1937 teve oportunidade de criar Ofélia na famosa peça de Shakespeare, no teatro Old Vic. Ainda em 1937 atuou em "Sonho de uma noite de Verão", peça ainda de Shakespeare. Emprestava a sua gentil figura à personagem "Titania". Ainda atuou de maneira brilhante como Julieta, na famosa tragédia de Shakespeare.

Excursionou com seu elenco aos Estados Unidos, onde representou na Broadway "The Happy Hypocrite" e "Serena Blandish". Em 1940 tem ocasião de apresentar em New York a sua famosa Julieta de "Romeu e Julieta".

Um dos seus maiores êxitos fora da Inglaterra foi sem dúvida em "...E o Vento Levou", onde aparecia numa película comercial e sustentava com o seu talento exuberante todo o valor artístico da obra, tornando-se uma inesquecível Scarlett O'Hara.



OS LIVROS E AS IMAGENS NA FRANÇA

MARIA HELENA, exclusivo para "A CENA"

Em «Sinfonia Pastoral», filme de J. Delannoy, a atmosfera da obra de Gide foi inteiramente captada.

Alguns autores literários, de real valor, tiveram seus contos, seus romances adaptados e transformados em obras cinematográficas. Em geral, estas adaptações nunca alcançam o nível qualitativo atingido pelo autor literário. Nem sempre conservam o espírito, o caráter no sentido mais profundo, êsse "não sei quê" que distingue os autores entre si, fora o estilo ou simples narração.

Muitas das grandes obras literárias tornaram-se em grandes filmes, numa adaptação feliz, tratada por boa equipe, sem contudo conservar a "alma", o que há de mais íntimo na obra literária.

Guy de Maupassant, glória literária da França, tornou-se um favorito dos produtores e cineastas. Talvez a sedução exercida pela obra de Maupassant na gente de cinema, resida no fato de se prestar admiràvelmente para a sétima arte. Pela sua forma, pela atmosfera da época, atmosfera essa de tal vigor, que anula distâncias impostas pelo Tempo, e aproxima-nos e nos coloca no ambiente e faz-nos viver com os personagens. Desprezando o cineasta por vêzes o que há de mais íntimo entre autor e obra, de difícil captação, o contista oferece entretanto ao cinema narrativas plenas de ação. E êsse é sem dúvida o lado que mais atrai os produtores.

Além do mais seus personagens pintados com vigorosas pinceladas, sem indulgência por vêzes, e vivendo por-

«La Ronde», precedente e superior a «Le Plaisir».



Uma obra freqüentemente filmada: «O Conde de Monte Cristo».



tanto intensamente, são por isso mesmo fàcilmente transpostos para a tela. Evocando pessoas do fim do século passado, o autor consegue criar um homem não de uma determinada época ou lugar, mas de qualquer época, e de qualquer parte do mundo — é humano, universal.

Essas são as principais razões que impõem a escolha de Maupassant por cineastas, principalmente da França.

Renoir, cujo talento é indiscutível, realizou "Partie de Campagne", película inspirada em Maupassant. A exposição cinematográfica de admirável plasticidade, traía a vibração de uma alma enamorada da Pintura, por certo a herança recebida pelo cineasta de seu pai, o grande pintor Auguste Renoir.

Com achados felizes, "Partie de Campagne" tornou-se uma película de considerável valor cinematográfico e estava envolvida pela chama da pintura impressionista.

"Partie de Campagne" realização de 1936, inacabada, foi projetada sòmente dez anos mais tarde, isto é, em 1946.

"Le Rosier de Madame Husson", para atrair a curiosidade dos espectadores foi batizado em português de "O último homem virgem sôbre a terra". Descolorida adaptação cinematográfica, apresentava sòmente o cômico Bourvil e um "introito" não só aceitável, como também prometedor. Mas o espectador ficou apenas com a promessa. Anteriormente fizera-se uma versão, e Fernandel, que alcançou hoje grande notoriedade graças ao "D. Camilo", fazia então o papel principal.

"Boule de Suif" foi uma feliz realização de Christian Jacque e reunia numa só história, personagens de diversos contos de Maupassant. Guardando a característica original dos personagens, o filme foi por assim dizer uma película literária, possuidora de dialogação inteligente e mordaz, bem fiel a obra inspiradora. Para Micheline Presle, foi uma das suas grandes oportunidades, interpretando então a decaída "Boule de Suif", que possuía grande nobreza de coração. O saudoso Salou num papel que fazia jus ao seu talento de ator era um marcial prussiano.

Max Ophuls trouxe para o cinema "La Ronde", obra por muitos elogiada. Seguindo a trilha de "La Ronde" e adaptando três contos de Maupassant, realizou "Le Plaisir": "le drame éternel du Plaisir, trois aspects de ses prestiges e des ses tristesses, de ses fêtes e des ses orages..."



«Anjo Perverso», transposição cinematográfica da «Manon Lescault», de Prévost.

«Deus Necessita dos Homens», obra prima com Pierre Fresnay, magnífica transposição.



Infelizmente a adaptação esmagou por completo todo o caráter da obra literária. A morbidez e o sentido nem sempre construtivo, aliavam ao cinismo, e foi a anulação completa de tudo que havia de bom, de tudo que distingue Maupassant. Restava-nos apenas uma bela fotografia, extraordinária na segunda etapa da película, cujas imagens envolviam-se de bom gôsto, e cheias de qualidades pictóricas, que repousavam no Impressionismo...

A mais recente adaptação para o cinema de contos de Maupassant é "Trois Femmes", evocando três imagens de mulher... Zora, Coralie e Mouche.

O realizador é André Michel, que não faz aqui o seu "debut", realizou admiràvelmente "La Rose et le Réséda", sôbre um poema de Aragon. Em "Trois Femmes" André Michel diz inaugurar uma fórmula diferente de filmes em "sketches".

Esperemos por "Trois Femmes" e auguremos que seja uma adaptação feliz, da obra dêste grande homem da literatura que foi Guy de Maupassant.



De um livro mediocre, uma obra cinematográfica de valor: «Brinquedo Proibido».



A «ESTRÊLA» DO «BALLET» E DO CINEMA CONTA AS SUAS IMPRESSÕES DA EUROPA, INTEGRANDO O FAMOSO CONJUNTO INTERNACIONAL DO «MARQUÊS DE CUEVAS» — AS GRANDES EMOÇÕES E A PRÓXIMA TEMPORADA DO MESMO ELENCO, NO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO





ANTECEDENTES

Primeiramente, Beatriz Consuela conquistou um grande nome no país. Tornou-se um ídolo do público que cultiva a arte entre nós. A crítica especializada conferiu-lhe dois prêmios, como a melhor bailarina do Brasil. A sua extraordinária sensibilidade para o "ballet" não lhe permitia estacionar. Necessário se tornava a necessidade do contacto com os grandes centros. Deixar de lado tôdas as glórias alcançadas em seu país. Sòmente quem conhece o âmago desta imensa arte pode compreender o que seja a ânsia do crescimento. Renunciar a tantas hosanas para novamente começar uma trajetória, alhures, não importando o pôsto em que viesse a ser apontada. O essencial era a expansão de idéias mais amplas, o contacto com outros sentimentos e platéias. Enfim, usufruir um âmbito internacional a fim de mais livremente mostrar o seu talento. Naturalmente

Três flagrantes da chegada de Beatriz Consuelo, em demanda de Buenos Aires. Ao lado, quando era entrevistada por Jonald. No meio, quando recebia um grande e caloroso abraço de sua mãe, D. Consuelo Cardoso, já em terra, a fim de pernoitar em sua residência. Em baixo, ainda a bordo, com dois de seus companheiros de elenco: Consuelo e George Golovine.

BEATRIZ GOSTOU MAIS DO CAIRO

JONALD, exclusivo para "A CENA"



Beatriz quando falava com Jonald em entrevista exclusiva para «A CENA».

que uma nova figura em um dos maiores elencos internacionais de "ballet" teria de aguardar, por questões hierárquicas, o fator tempo para ascender aos primeiros planos. Ainda assim, Beatriz já tem tido algumas boas oportunidades e soube corresponder à confiança que tanto o conjunto do Marquês de Cuevas quanto o público brasileiro outorgavam à sua inegável arte.

ATUALIDADE

Beatriz voltou muito alegre. Falando com uma eloqüência jamais vista. Como o navio em que viajava a companhia, se tivesse demorado cêrca de 10 horas entre nós, teve suficiente tempo para uma esplêndida entrevista exclusiva para "A CENA".

Remontando ao passado descreveu o que foi a sua chegada a Paris e, quase imediatamente o primeio ensaio. E êste ainda não havia terminado quando, com grande surprêsa, foi imediatamente designada para um bom papel em "L' ange gris". Assim, mal desembarcara e as responsabilidades começavam.

Revelou que tanto a figura que vive em "L' ange Gris" quanto o de "Le Prisionnier du Cáucasse" são os seus desempenhos favoritos. Embora lhe tenham sido proporcionados oportunidades ainda melhores, tem especial carinho por essas participações, assim **relatando**:

— "L' ange Gris" por ter sido o meu primeiro contacto, na Europa, com uma diferente platéia e, particularmente, pela tão súbita designação, quando ainda não havia apurado a forma técnica, devido à longa inatividade que havia passado no navio, na viagem de ida. O segundo papel, acredite, é devido à música. Dadas as constantes deslocações na Europa, de um país para outro, porvêzes se torna por demais extenuante a carreira de uma bailarina. Porém, por mais cansada que estivisse, bastava começar a ouvir os primeiros acordes da música de Katchatourian para, imediatamente, desaparecer qualquer fadiga. O estranho das vibrações melódicas dêste bailado exercem em mim um verdadeiro fascínio. E é difícil também explicar como tendo apenas um pequeno papel nesta coreografia venham as lembranças a superar outros, de maior destaque.

AS MAIS GRATAS RECORDAÇÕES

Beatriz falou muito sôbre as cidades que conheceu. De tôdas a que mais impressão causou foi Cairo. Afirmou que foi uma das maiores emoções da sua vida conhecer a indescretivel beleza das pirâmides, o bizarro das múmias e de muitos costumes do país. Além do Cairo dançou também em Alexandria e aí teve novos contactos com os estranhos e prodigiosos encantos da cidade e seus arredores. De Paris, pelo fato de ali ser a sede efetiva do "Ballet de Cuevas" e, também, pela circunstância de se ter demorado muito mais nas temporadas na capital francesa do que na de outros paises, sente-se como se "estivesse em casa". E, sempre animada:

— "Em Paris foi onde os aplausos foram mais calorosos e o sucesso maior de tôda a excursão e bem sabe o que o carinho do público significa para um artista. Em Londres tivemos a pouca sorte de enfrentar a fase mais aguda do mais rigoroso inverno dos últimos 75 anos! De fato, as estatisticas londrinas acusaram as baixas temperaturas em quase um século! Para quem há pouco havia saido de um clima tropical, o fato teria de repercutir. O fato é que as minhas saídas se resumiam do hotel para o teatro e vice-versa. E, durante tôda a minha temporada na capital britânica apenas um único espetáculo a parte pôde assistir. E fui ao teatro, assistir ao "Hamlet", de Richard Burton. Senti imensamente não ter conhecido o "Convent Garden Sadler's Wells Ballet", a Margot Fonteyn e tantas outras preciosidades. Mas vinte e tantos graus abaixo de zero não é brincadeira. E que "frio"!... (e parecia tremer com o "frio"!

Beatriz, como autêntica gaúcha, não pronuncia a palavra frio como é usada no centro do pais e, sim, no sotaque sulino.

FATOR TEMPO E A PRÓXIMA TEMPORADA

Contou também que o tempo se torna limitadissimo ao integrar um elenco que transita de capital em capital, em tantos paises. Muitas vêzes, imediatamente após o encerrar de uma temporada em uma cidade, saem quase diretamente para o aeroporto, em seguimento a outros contratos. Entretanto, tem passado por tudo isto com extraordinária satisfação. Julga inestimável a experiência que vem adquirindo no que, aliás, tem tôda a razão. Segundo seus próprios hábitos, não faz muitos planos para o futuro. Acredita muito na sua "estrêla". Após o regresso de Buenos Aires deixará que os fatos ligados à sua carreira sigam espontâneamente, conforme até então. Terá uma grande sensação em novamente dançar no palco que a elevou às culminâncias, o do Teatro Municipal, dentro em breve, a partir de 16 de junho.

Beatriz emocionou-se muito quando abraçou os seus pais, o professor Cardoso e d. Consuelo e "A CENA" fixou êste último amplexo, em uma das fotos ao lado, logo após o seu desembarque. E todo o Rio aguarda, com ansiedade, o retôrno do "Grand Ballet Marquês de Cuevas" que, em meio dos seus altos valores, apresentará, também, a primeira bailarina do Teatro Municipal do Rio. Fácil será prever, por todos êsses motivos, o êxito da próxima temporada.

Descansando no navio, ao lado de Jean Quick.



QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

De ROVLAND, especial para "A CENA"



Sr. Bavetta, diretor geral da Fox Filmes do Brasil, que falou a «A CENA», em sua mesa de trabalho.



Sr. A. Goldberg, representante geral para a América do Sul, da London Films, que irá deixar a companhia e o cinema. Uma sensível perda.



Sr. Pedro Teitelbaum, diretor geral da Republic que também falou a «A CENA».

Iniciando uma série de reportagens em tôrno do passado e do presente do cinema, tão bem simbolizados no concurso de "Quais os filmes que desejaria rever?", uma conseqüência da série "Os melhores de todos os tempos", "A CENA" foi ouvir o meio cinematográfico.

A primeira fase dêsses inquéritos reporta-se às figuras de maior destaque entre os diretores gerais e de publicidade das agências internacionais que funcionam no país. São, precisamente, as personalidades que, após o término do presente concurso vão, igualmente, colaborar, no sentido de atender às mais destacadas solicitações dos leitores permitindo as necessárias providências a fim de que os eleitos principais retornem às nossas telas. Apresentamos, hoje, algumas das opiniões dos que já foram ouvidos neste setor. Como são muitas as agências, nos números seguintes surgirão novos conceitos, de outros diretores. Findo êste grupo, apresentaremos novos conceitos, de outros ramos, inclusive da crítica especializada.

O sr. Joseph Bavetta é o diretor da 20th. C. Fox para o Brasil, já tendo ocupado outros postos de alto destaque na organização internacional da mesma emprêsa. No momento em que "A CENA" foi ouvi-lo uma notícia pouco agradável nos foi participada. Bavetta vai afastar-se do meio cinematográfico. Após 30 anos de preciosos e ininterruptos serviços prestados à divulgação do cinema, pediu demissão do seu pôsto. Pela sua fôlha de serviços, por mais de 30 anos, pela figura solícita, distinta e amável, Bavetta conquistou um pôsto de proeminência e, por isto mesmo, muito vai ser sentida a sua ausência.

Esclareceu-nos Bavetta que embora ainda sinta grande disposição para o trabalho não quer que a fadiga o surpreenda neste árduo encargo. Embora não vá ficar em ostracismo, pois é possível que se dedique a algum pôsto que exija menor absorção, deseja poupar-se na etapa final de sua vida, o que não seria possível em uma chefia de tanta responsabilidade.

A seguir, a palestra passou para o concurso que "A CENA" está realizando. Bavetta o tem acompanhado com especial carinho e teve ocasião de tecer as idéias próprias a respeito. Rememorou o desencanto que advém, certas vêzes ao rever filmes ou vultos humanos que brilharam em outros tempos: No "bel-canto", foi buscar das áureas fases de Challiapini, Schipa, Gigli, Caruso e outros e o pesar que lhe causou, mais adiante, novamente ouvi-los, mas sem o mesmo poder de outrora. O mesmo no tocante a muitos filmes. Embora, é certo, existam os que não envelhecem, diversos outros não podem ser vistos na atualidade sem um misto de nostalgia e desolação.

Assim, ao rememorar as mais incisivas lembranças da sua existência de homem de cinema, preferiu classificá-los como "os filmes que não gostaria de rever". Bavetta mostrou-se, desta maneira, um sentimental. E' tão grande o seu respeito pela resenha escolhida que prefere guardar as lembranças envelhecidas com o tempo.

Os cinco filmes máximos: "Cavalcade" (a epopéia que atravessava os séculos); "Sétimo céu" (primeira versão, silenciosa, com Janet Gaynor e Charles Farrell); "Aurora" (uma das obras-primas de Murnau); "O garôto" (filme silencioso de Chaplin e Jack Coogan) e outro filme sem som: "Honrarás tua mãe", com Mary Carr.

Para o melhor filme das várias fases do cinema optou por "Honrarás tua mãe", um célebre êxito da etapa inicial do cinema.

Como vêem, Bavetta é eminentemente saudosista. Das suas várias citações, com exceção de "Cavalcade", todos os demais pertencem à poética fase do silêncio dominando as imagens.

Por coincidência, "A CENA" foi surpreender outro diretor que se ausenta do meio cinematográfico do país. Trata-se do sr. A. Goldberg, superintendente geral da London Films para a América Latina, outra figura de eminente vulto e, também, muito estimado em todos os lugares e nações em que tem tido contacto.

Os motivos porque vai deixar esta alta posição que ocupa são, conforme esclareceu, ligados a motivos de família. Por fôrça do encargo que ocupa, é forçado a longas viagens, por todos os países da América Latina. Conseqüentemente, se ausenta do Brasil em cêrca de nove entre os doze meses do ano. Não pode dispensar, portanto, o devido tempo à família, precisamente a razão que mais presa, entre tantas outras. O problema agravou-se com o crescimento dos filhos, em fase que requer uma permanente atenção. Assim, embora os reiterados pedidos de Sir Alexander Korda — o diretor geral da London Films International, de quem se tornou amigo, nas suas várias estadas em Londres não pode continuar neste seu trabalho. O sr. Goldberg teve mesmo ocasião de mostrar diversos telegramas e cartas trocadas neste sentido. E' mais uma sensível perda para o ramo especializado do país.

Conforme declarou a "A CENA", guarda as mais gratas lembranças de tantos anos de serviços prestados à organização de Korda, os quais reputa os mais preciosos da sua existência. No tocante ao concurso que esta revista está promovendo, teve ocasião de tecer os mais altos encômios.

Para maior filme de tôdas as fases do cinema elege "O morro dos ventos uivantes", de William Wyler, com Laurence Olivier e Merle Oberon.

Divide os filmes que mais gostaria de rever em dois grupos. O primeiro, de realizações um tanto antigas como: "Rainha Christina" (de Mamoullian, com Greta Garbo); "Horizonte perdido" (de Zoltan Korda, com John Clemens e Ralph Richardson); "Ladrão de Bagdad" (versão falada, de Ludwig Berger, com Conrad Veidt, Sabu e Jane Duprez) e "Lanceiros da India" (de Sir Guy Standing, com Gary Cooper e Ray Milland).

O segundo grupo, mais moderno, inclui: "Um lugar ao sol", "La Ronde" ("Conflitos de amor"), "Brinquedo proibido", "Salário do mêdo" e "Sétimo véu".

O sr. R.J. Brenner, atual diretor geral da Metro Goldwyn Mayer do Brasil veio a ocupar êste pôsto, em nosso país, após orientar altos postos da organização da Metro nos Estados Unidos. Radicou-se fàcilmente em nosso meio e contraiu matrimônio com uma "ex-

Sr. P.S. Germano, assistente do diretor geral da Paramount, optou por antigos filmes.



Sr. Osvaldo Leite Rocha, diretor de publicidade da Paramount ainda está fascinado com o «Beau Geste», do cinema silencioso.



Sr. José M. Henriques, gerente geral da R.K.O., que prestou interessantes declarações, preferiu «A felicidade não se compra».



FALAM OS HOMENS DE CINEMA

NO PRÓXIMO NÚMERO: A 1.ª E SENSACIONAL APURAÇÃO!

estrêla" do cinema do pais e, inclusive "Miss Distrito Federal", Marina Cunha. Assim, ao lado da brilhantissima atuação na diretriz da Metro no Brasil, em situação francamente próspera, tem em seu lar uma atmosfera que está sempre a lembrar algo de cinema.

Relativamente à pergunta do maior filme de qualquer fase do cinema, o sr. Brenner preferiu, a exemplo de alguns dos seus colegas, ampliar a resposta para cinco dêles. Desta maneira, citou: "Como era verde o meu vale" ("How Green Was My Valley", de John Ford); "O grande desfile" (The Big Parade", do cinema silencioso, de King Vidor); "Em busca do ouro" ("The Gold Rush", também silencioso, de Chaplin); "A noite tudo encobre" ("Night Must Fall", de Richard Thorpe), e "... E o vento levou" ("Gone With the Wind, de Victor Flemming).

Para a lista dos cinco filmes que novamente desejaria rever, citou: "Depois do vendaval" ("The Quiet Man", de John Ford); "Lili" ("Lili"); "... E o vento levou" (que também faz parte da sua seleção dos máximos da tela); "Ama sêca por acaso" ("Sitting Pretty"); e "A princesa e o plebeu" ("Roman Holiday", de William Wyler).

O sr. Joe Seitz, diretor geral da Columbia para o Brasil, entusiasmou-se com a idéia geral do concurso de "A CENA". Ao lado das suas comprovadas habilidades na direção de tão importante pôsto é, também, entusiasta admirador da arte do cinema. Tanto assim que, além de tecer uma série de curiosas reminiscências em tôrno do assunto, declarou a impossibilidade de citar apenas cinco filmes, entre tantos que desejaria rever. Conseqüentemente, a sua lista não inclui apenas os cinco do concurso e sim uma dezena. Vejamos:

"Do mundo nada se leva", "David Copperfield", "A um passo da eternidade", "Noites de natal", "Branca de Neve e os sete anões", "Os melhores anos de nossa vida", "... E o vento levou", "Rua 42", "Luzes da ribalta" e "Alexander's Ragtime Band" (filme de 1938, da 20th. C. Fox, com Alice Faye e Tyrone Power).

Também preferiu estender para dois a pergunta em volta do melhor filme de qualquer fase do cinema. Os seus eleitos são: "A um passo da eternidade" e "... E o vento levou".

O sr. Pedro Tettelbaum, diretor geral da Republic Pictures do Brasil representa um outro destacado elemento do meio cinematográfico no pais. Jamais a Republic desfrutou de tanto prestigio quanto no momento atual. Atendeu o repórter de "A CENA" com a mesma solicitude que o caracteriza e, conforme os demais entrevistados, esplanou com muita gentileza a sua opinião a respeito dos cinco que desejaria rever:

"O diabo disse não" (de Lubitsch, por quem sempre teve especial admiração); "O homem que vendeu a alma" (de John Huston); "O delator" (de John Ford); "O fugitivo" (com Paul Muni, em filme que reputa inesquecivel) e "As luzes brilharão outra vez".

Para o melhor filme das várias fases do cinema opta, de maneira igual, para a obra-prima de Lubitsch, "O diabo disse não" e "Pigmalion", o grande filme inglês, inspirado na peça de Bernard Shaw.

O sr. Eduardo De Soto, diretor geral da Distribuidora e Produtora Americana de Filmes, é relativamente novo em nosso meio. Contudo, mercê das suas atitudes francas e desassombradas já conquistou geral admiração. Veterano cultor de cinema-arte foi rebuscar as suas mais gratas emoções ao eleger o melhor filme de qualquer fase do cinema.

Infelizmente, não foi exibido no Brasil o filme férancês que mereceu tão valiosa distinção para a sua pessoa. Trata-se de "O fim do dia" ("Fin de jour"), com Michel Simon e Pierre Fresnay o qual, acredita, jamais esquecerá ou terá superada essa impressão.

Entre os cinco que mais desejaria rever coloca, naturalmente, o grandioso "Fim do dia" ao lado de grandes realizações do cinema: "Em busca do ouro" (de Chaplin), "O coração manda" (de Blassetti, italiano), "Rosa da esperança" (de William Wyler) e "Vento norte" (também não exibido no Brasil, de origem argentina, dirigido por Mario Soffice e com Henrique Muino no protagonista).

(Cont. na pág. 34)

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

1.....................................

2.....................................

3.....................................

4.....................................

5.....................................

QUAL O MELHOR FILME A QUE ASSISTIU, EM QUALQUER FASE DO CINEMA?

....

NOME (ou pseudônimo) ....

....

ENDERÊÇO ....

....

CIDADE E ESTADO ....

....

(Tôda a correspondência deverá ser endereçada a ROVLAND, Concurso de "Reprises")



Sr. R.J. Brenner, diretor geral da Metro G. Mayer, no Brasil, que realizou uma série de festivais por ocasião do 30° aniversário da Metro, ao lado de Pier Angeli.



Sr. José Cohen, gerente geral da Distribuidora e Produtora Americana de Filmes Sociedade Anônima.



Sr. Joe Seitz, diretor geral da Columbia, evocou dez filmes.

dade da Fox Filmes do Brasil, que completou 30 anos de ininterruptas atividades.



Sr. Eduardo De Soto, diretor geral ricana de Filmes S.A., escolheu alguns filmes ainda inéditos no Brasil



Sr. Gilberto Souto, diretor de publicidade da United Artists, emprêsa que comemora 40 anos de cinema.





Danny Kaye, um ator bem dotado, de voz flexível, grande agilidade, dançarino de recursos e sadio humor, apesar do «nonsense» das situações de seus filmes sabe manter sempre a dignidade.





Harold Loyd, distante do cinema no qual marcou uma etapa.



Red Skelton, atualmente encostado, um cômico nem sempre adequadamente aproveitado, revelou-se em «O Palhaço» capacitado para os papéis dramáticos.

Inconfundível e até hoje não superado, Charlie Chaplin, humanizou sobremodo a comédia no cinema.

A COMÉDIA NO CINEMA

L. BOLTSHALSER, para "A CENA"



A comédia cinematográfica surgiu na França, quando "L'arroseur arrosé", dos irmãos Lumière, provocava francas gargalhadas na platéia das barraquinhas de feira, ávida de entrar em contato com um novo invento muito engenhoso — o cinematográfico. A máquina deixava de ser uma curiosidade, para tornar-se um aparelho que proporcionava bom divertimento. As ambições artísticas vieram depois, quando os pioneiros pensaram em registrar na película para a posteridade, o exagêro extremo dos grandes vultos da ribalta. A fantasia de Meliès e as comédias dirigiam-se ao público menos complicado, enquanto os intelectuais deleitavam-se com a gesticulação da divina Sarah Bernhardt em "Rainha Elizabeth" ou de Le Bargy em "O assassinato do duque de Guise". Vistas atualmente,



«O Gordo e o Magro». Apesar das limitações incontestàvelmente foi a melhor dupla cômica do cinema.

A COMÉDIA NO CINEMA

essas tragédias históricas divertem muito mais que as comédias da época...

Ao lado dêsse pessoal do teatro sério, o cinematógrafo servia também para documentar as habilidades de grandes comediantes do "music hall" ou de palhaços famosos. Dessas figuras, a mais impressionante sem dúvida, é a de Little Tich, um "clown" de pequena estatura que usava sapatos de bicos colossais. Tal qual uma bailarina, Little Tich "fazia ponta" com êsses sapatos, realizando sôbre elas verdadeiros prodígios de equilíbrio.

Juntamente com os filmes do enrêdo, sobretudo "western", surgiram nos Estados Unidos as primeiras comédias "pastelão". Nesse tipo de filme, a comicidade valia-se de dois recursos: as perseguições e as brigas nas quais os contendores transformavam em projéteis todos os objetos que lhes caíam nas mãos. E, quando os doces ou os mais variados utensílios atingiam seu alvo, as audiências se torciam em riso. Foi a época de Chico Bóia, de Ben Turpin, de James Finlayson, de Chester Conklin e dos policiais da Keystone. Depois, Carlitos na América e Max Linder na França, trouxeram um sôpro de genialidade à comédia. Carlitos é o vagabundo que quer ser "gentleman" e que o pêso da miséria não permite manter a dignidade. Max Linder é o outro polo, o farrista, o "bon vivant", impecável em seu fraque, sempre metido nas mais descabeladas aventuras. O interessante é que, enquanto Chaplin conseguiu alguma compensação na vida real, a existência de Max Linder teve um fim trágico. Linder matou a espôsa, suicidando-se em seguida.

Além do recurso do "pastelão" e a ação vertiginosa, êsses cômicos tinham todos uma particularidade na indumentária ou na atitude que os caracterizava. Larry Semon usava uma roupa desproporcional ao seu tamanho e se locomovia saltitando como uma bola de borracha; era

Buster Keaton, o cômico sério, alheio à sua própria comicidade. Imitado, mas não superado.





Versão piorada de «O Gordo e o Magro»: Abott e Costello.



Fazendo rir, Fernandel fêz jus à «Legion D'Honneur».

impossível ver o distraído Harold Lloyd sem os óculos de aros grossos. Já Buster Keaton guardava impassividade completa e não dispensava o minúsculo chapeuzinho, enquanto Harry Langdon era o menino de olhar sonolento e expressão cândida, perdido num mundo cheio de malícia. A bengalinha e a cartola de Carlitos, como o olhar torto de Ben Turpin, ficaram famosos.

O advento do sonoro marcou a decadência da maioria dêsses comediantes, matando a arte da mímica em sua mais alta expressão. Carlitos hesitava em falar, e Harold Lloyd, Buster Keaton e Harry Langdon atuaram em algumas comédias sonoras de qualidade inferior. Quando o cinema ganhou voz, falou demais. Filmavam comédias teatrais de Lonsdale, abundantemente dialogadas, tendência que, felizmente, teve curta duração.

O sonoro não diminuiu em nada a maestria de René Clair, que continuava a satirizar tôdas as instituições em algumas obras-primas como "A nós a liberdade", enquanto Hollywood iniciava a série das chamadas "altas comédias" com rasgos de "pastelão", interpretadas por Irene Dunne e Claudette Colbert.

O Gordo e o Magro, sempre repetidos, formaram uma das primeiras duplas cômicas do cinema, precursora dos careteiros Olsen e Johnson e dos nulos Abbott e Costello. Os irmãos Marx, cinco a princípio, depois reduzidos a quatro, e finalmente a três anarquizavam tudo e todos, deixando por onde passavam a marca registrada de sua loucura mais completa. Suas comédias obedeciam a dois estilos: o primeiro período, o dos quatro irmãos, se caracterizava por uma visão burlesca das convenções sociais ("Os galhofeiros", "Os reis da pelota", "O diabo a quatro"). O segundo período, iniciado brilhantemente com "Uma noite na Ópera" e mediocremente encerrado com "Uma noite em Casablanca" limita-se a soltar os palhaços em meio a intrigas policiais ou comèdiazinhas musicais. O último filme do trio, "Loucos de amor", uma boa comédia, pode ser uma redenção final ou um bom ponto de partida para um terceiro estilo. Devido ao silêncio que se seguiu ao filme, pode-se concluir que a primeira hipótese é a mais provável.

Os melhores comediantes do moderno cinema americano são Bob Hope e Danny Kaye e, num plano inferior, Red Skelton. Hope é um excelente ator, valorizando qualquer papel; Kaye, um fantasista fino, ainda à espera de melhor oportunidade. E Red Skelton, apesar de careteiro, tem possibilidades. Na França, os dotes de Bourvil e Fernandel ainda não foram explorados, enquanto que na Itália, Walter Chiari e Alberto Sordi só sabem fazer trejeitos. Resta Totó, que em "Guardas e ladrões" revela-se fabuloso.

Enquanto Chaplin chora em "Luzes da ribalta" um passado de glórias que realmente já passou, Jacques Tati, na França, continua com "Les vacances de M. Hulot" no bom rumo por êle traçado em "Carrossel da esperança". De uma trama muito simples êle retira possibilidades insuspeitadas de fazer rir, mostrando-se, ao mesmo tempo, humano e lírico. A Inglaterra traz sua contribuição a êsse movimento de renovação da comédia cinematográfica com o profundo cinismo de "As oito vítimas", ou a sátira deliciosa de "Alegria a granel".

Com tantas novas perspectivas para serem palmilhadas, o panorama da comédia se anuncia bastante animador. Que o humor de Tati, de Cornelius, de Mackendrick ou de Crichton continue sadio e espontâneo.



Os Irmãos Marx, uma trinca de personalidade própria, cômicos do absurdo.

As Aventuras de PETER PAN





NOVELA DAS IMAGENS

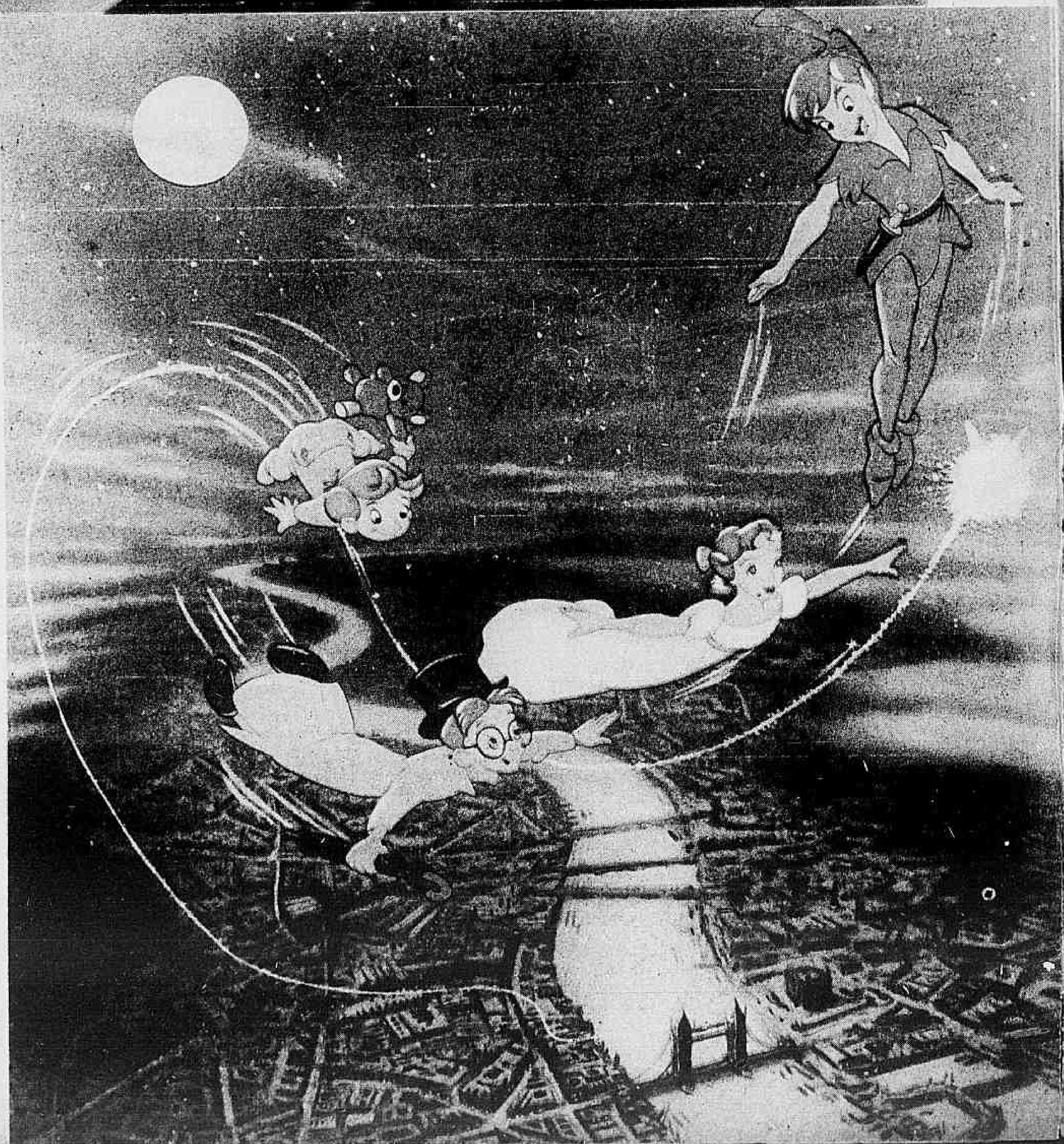
FICHA TÉCNICA
Produção:
WALT DISNEY
Direção:
HAMILTON LUSKE, CLYDE GERONIMI, WILFRED JACKSON
Doublado em português por:
GILBERTO SOUTO E J. DE BARRO
Distribuição da:
RKO RÁDIO FILMES

Peter Pan, um rapazinho fabuloso antes atraído que inventado por Wendy, a filha adolescente dos Darlings de Londres, aparece de verdade, a ela e aos seus irmãos João e Miguel, na véspera do seu "último dia de infância" e ensina-lhes a voar. Dentro do prazo de uma hora êles se encontram a caminho de um lugar distante, todo de magias "A Ilha Encantada", viajando por cima dos telhados...

Ali principiam as suas aventuras estranhas e excitantes, quando o capitão Hook, chefe dos piratas, trata de fazer Peter e os seus companheiros de viagem saírem violentamente do céu, obrigando-os a uma aterrissagem de emergência. Hook e o seu ajudante Smi, planejam a captura do seu inimigo mortal, Pan. Procurado por todos os meios descobrir o sitio de seus encontros secretos, apanham numa armadilha a Wendy e depois a fada amiga de Pan, Tin-Lin-Tin. Ambas, inadvertidamente, fornecem ao capitão Hook indicações para achá-lo, mas Pan continua com o seu punhal a combater valentemente o vil caçador.

Hook, por sua vez, está sendo perseguido por um faminto crocodilo, êsse que é responsável pelo seu braço mutilado, e de que êle anda histèricamente assustado.

Nesse interim, Wendy é acompanhada em visita às maravilhas e delícias existentes na "Ilha Encantada", por Peter, muito familiarizado com todos os seus habitantes, inclusi-



Peter-Pan, Darling, João e Miguel sôbre Londres.

ve um glamoroso bando de sereias. Estas são as favoritas de Wendy, porém elas, tal como a minúscula Tin-Lin-Tin, ficam enciumadas em face das atenções prestadas à estranha mocinha vinda de além-mar.

João e Miguel, e eventualmente Wendy também, são capturados por um bando de índios, cuja princesa Tigrinha, foi raptada por Hook e Smi. Os "Rapazes perdidos", grupo de criaturas sem mãe cuja vida é perambular, também se vêem cercados pelos indígenas.

Pan salva os prisioneiros, fazendo-os sair do cercado em que se encontravam, libertando Tigrinha e conquistando a gratidão do Chefe dos Peles Vermelhas.

Numa derradeira tentativa para destruir Peter, Hook coloca uma bomba-relógio na habitação subterrânea daquele, que conseguiu descobrir por causa da traição, aliás involuntária e impensada, de Tin-Lin-Tin, que lhe forneceu tôdas as informações.

Movida pelos remorsos, Tin-Lin-Tin apanha a bomba exatamente no momento em que explode. Ela escapa de morrer, Pan a reanima dizendo-lhe que ela vale mais, para êle, do que qualquer outra pessoa do mundo. Tin-Lin-Tin então revela que Wendy e os seus irmãos ficaram prisioneiros de Hook e correu sério perigo.

Peter e seus camaradas impávidos assaltam e dominam o navio pirata. Wendy está disposta a voltar para a sua casa, agora, e lá crescer após haver-se metido nessas espinhosas aventuras na "Ilha Encantada". Assim sendo, Pan iça as velas da embarcação e ruma de volta para a residência dos Darlings. Quando papai e mamãe voltam a casa, após terem passado a tarde fora, encontram a Wendy ajoelhada junto da janela, e João e Miguel confortàvelmente ajeitados na cama. Ela conta que está observando um navio que anda pelo céu, voltando a "Ilha Encantada", com Peter e os "Rapazes Perdidos" a bordo. E confessa-se satisfeitíssima por estar novamente no seu lar e com uma grande vontade de crescer.

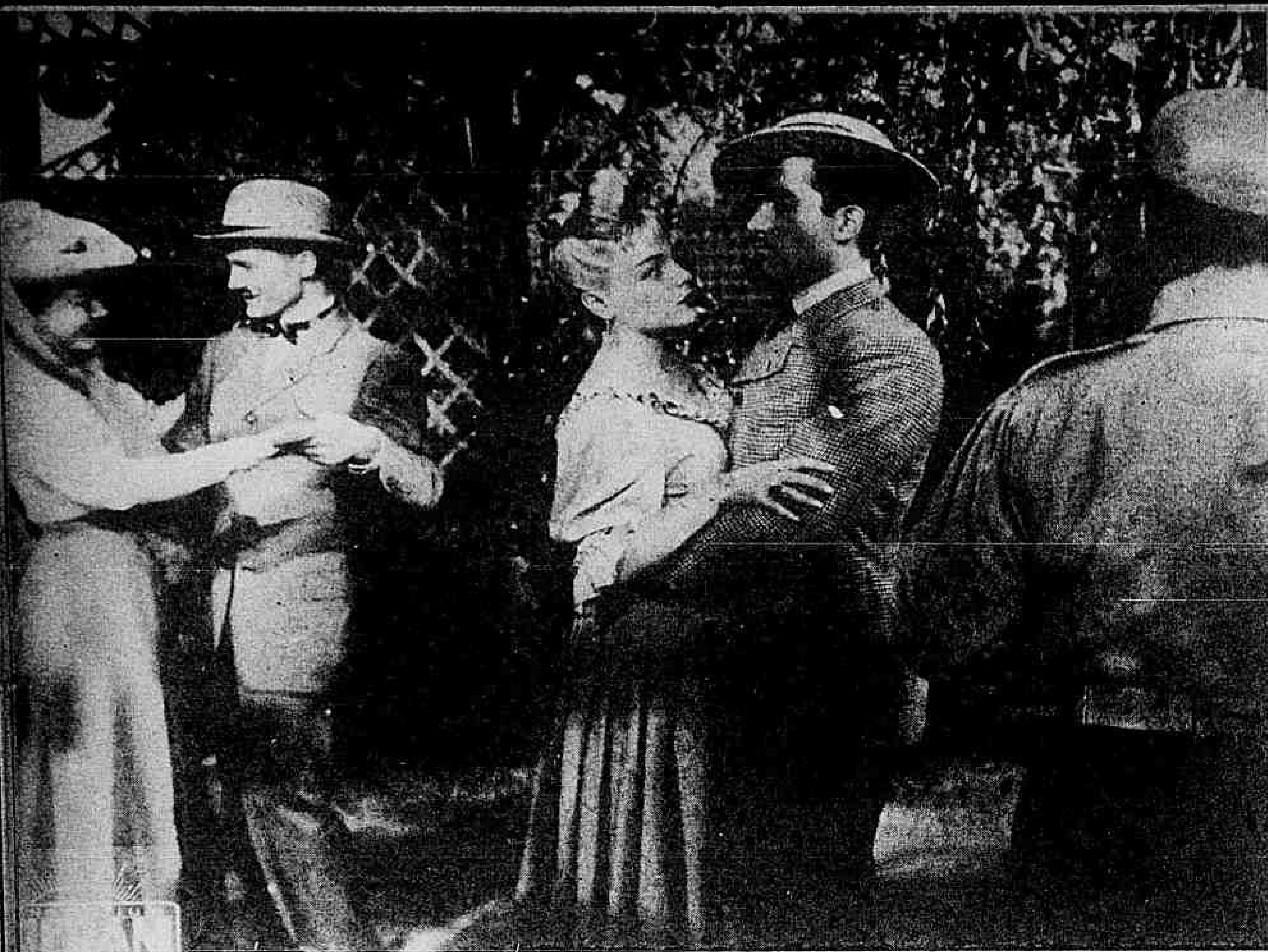
A princípio, bastante intrigado, o seu pai esquadrilha o céu noturno, e diz: "Você sabe, é extremamente estranho, mas parece-me que já vi êsse navio..: Quando eu era muito jovem", e a senhora Darling diz que tem muito prazer em ouvi-lo dizer isso. Finalmente, a embarcação aparece como uma sombra que se vai afastando entre as estrêlas cintilantes...



Peter-Pan e Wendy após velejarem em tôrno da «Ilha Encantada».

«Adeus Peter-Pan», dizem Darling, João e Miguel após as suas aventuras na «Ilha Encantada».





Um amor em perspectiva: Maria e Manda.

NOVELA DAS IMAGENS

AMÔRES de APACHE

Num alegre domingo de 1898, os homens do bando de Leca (Claude Dauphin) descem de Belleville com suas mulheres para divertirem-se às margens do rio Marne.

Depois de passearem de barco, invadiram ruidosamente um dos "cafés-dançantes" repleto de pacíficos burgueses parisienses, que os observam inquietos e desgostosos a chegada dêstes malandros acompanhados de suas queridas.

Uma delas, Maria (Simone Signoret), destaca-se por sua arrogância e beleza e também por sua cabeleira loura, cujo penteado, à moda da época, parece um capacete de ouro reluzindo ao sol, daí ser chamada como "Casque D'or" (Casco de ouro).

Maria está zangada com seu amante e para meter-lhe ciúmes aceita dançar com um carpinteiro, chamado Manda (Serge Reggiani), amigo de Raymond (Raymond Bussiers), que é um dos típos do bando de Leca.

Maria e Manda amaram-se desde o primeiro encontro, e Roland (William Sabatier) percebendo isso procura e provoca Manda, o qual é agora um homem honrado e trabalhador, desde que saiu da prisão. Porém, tão provocante se mostra o amigo de Maria que o carpinteiro trava com êle tremenda luta a punhal e o fere mortalmente.

No dia seguinte, Maria havia desaparecido e Leca, que se interessa sòmente por ela, lança seus homens em busca da linda mulher, os quais vão localizá-la em casa de uma velhinha amiga, onde havia passado a noite sossegada.

Embora Manda houvesse lutado com Roland por causa do amor de Maria, não obtém, no entanto, o prêmio de sua vitória, pois Maria, esquiva e indiferente, se diverte em dissimular seus verdadeiros sentimentos com relação a êle, e sai do "Angel Gabriel" sem dirigir-lhe a palavra.

Um conselho em perspectiva.



E L E N C O

SIMONE SIGNORET ....Maria
SERGE REGGIANI..........Manda
CLAUDE DAUPHIN...........Leca
RAYMOND BUSSIERES....Raymond
GASTON MODOT............Danard

F I C H A T É C N I C A

Diretor..........JACQUES BECKER
Cenário.......JACQUES BECKER e
.....................J. COMPANNEZ
Fotografia...ROBERT LE FEBVRE
Música......GEORGES VAN PARYS
Uma seleção "COFRAM", distribuída pela França Filmes do Brasil

Porém no dia seguinte ao desaparecimento de Maria, Manda recebe um aviso de seu amigo Raymond, dizendo-lhe que "alguém" o encontraria em uma casinha num dos subúrbios de Paris. Manda de posse do enderêço da tal casa, dirige-se para lá. Para sua surprêsa o "alguém" que o esperava era Maria e ambos, entre carícias e beijos ardentes, confessam-se apaixonados.

Enquanto isso, a polícia investiga o assassinato de Roland e Leca que está furiosíssimo de haver perdido Maria de vista, prepara um sórdido estratagema para recuperá-la. Denuncia a Raymond como autor do crime, seguro de que Manda ao saber disso, se apresentaria em socorro do amigo, confessando ser o verdadeiro criminoso, e êle, Leca, tomaria posse da bela Maria. O plano de Leca desenrola-se exatamente como êle havia previsto e Manda se entrega para por em liberdade o amigo Raymond, porém êste logra saber que é Leca quem lhes havia vendido e aproveitando-se, juntamente com Manda a mudança de presídio que tiveram que fazer num carro especial da polícia, e com a ajuda heróica de Maria, empreendem uma acidentada fuga no momento exato em que o carro chegava ao novo presídio.

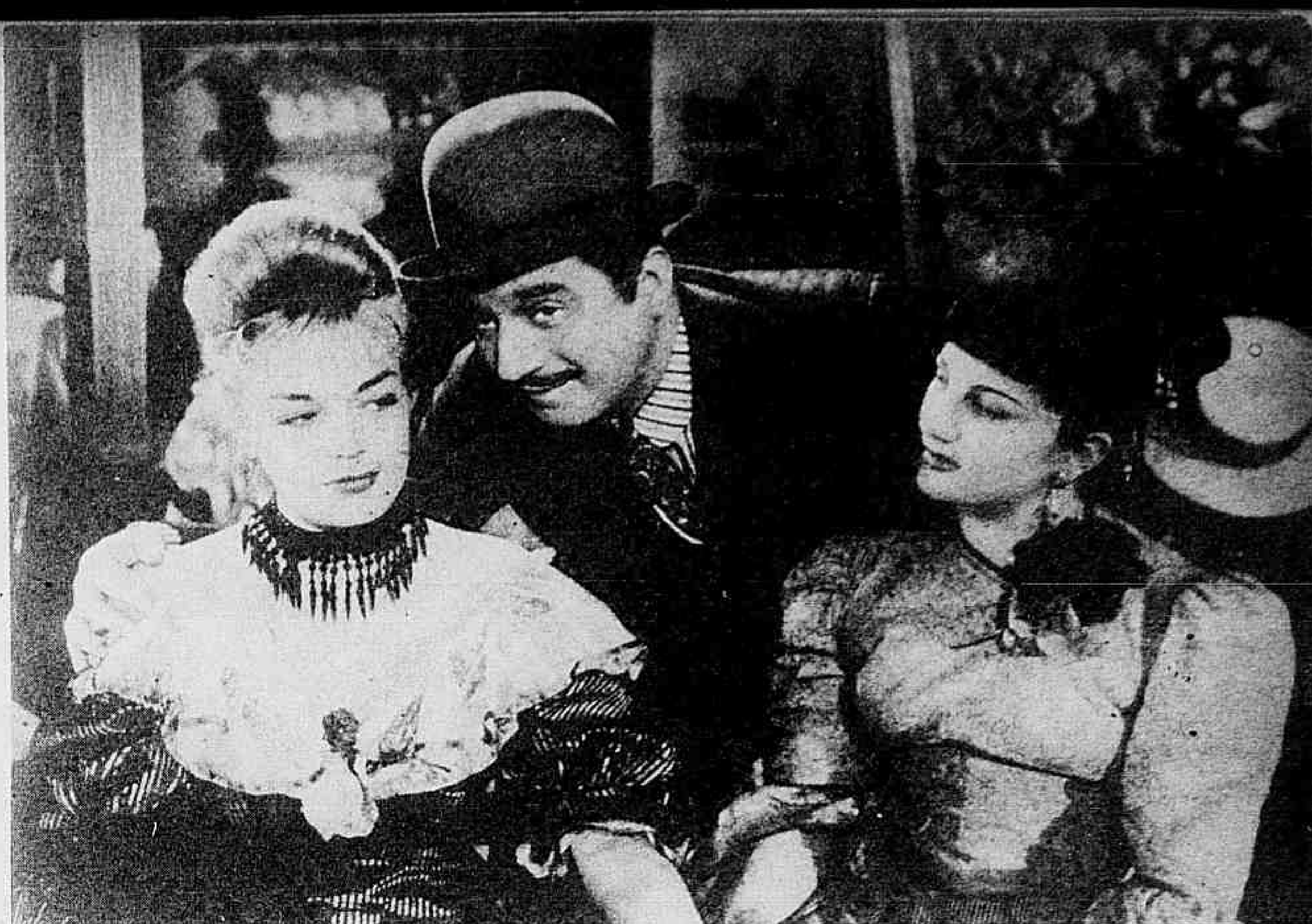
Raymond é gravemente ferido na refrega e morre entre os companheiros do bando, os quais não podem ocultar seu asco pela traição do chefe.

Manda, furioso de pena e de ódio, busca por tôdas as partes o bandido Leca; em sua casa e nos lugares que êle frequentava habitualmente até que o encontra em plena rua.

Leca, presumindo a implacável vingança de Manda, corre até a delegacia de polícia do bairro para denunciar que está sendo perseguido por um fugitivo do cárcere, porém não tem tempo de explicar o caso, pois Manda já está dentro do pôsto policial e ante os imóveis dos guardas atônitos se apodera de uma das pistolas penduradas numa das paredes da delegacia e se lança em feroz perseguição ao traidor que pulando uma janela vai refugiar-se num exíguo pátio interno do edifício.

Manda, seguro e lento, saboreando felinamente sua vingança certa, avança sôbre Leca que suplica aterrorizado. Os agentes tentam forçar a janela que dava para o pátio, por onde haviam passado Leca e Manda, mas quando êstes chegam ao pátio a vingança já havia sido cumprida. Manda havia esvaziado tôda a carga da pistola sôbre a vítima, que jaz inerte e ensangüentada num dos cantos do pátio.

Manda é condenado à morte. Chega o dia fatal. Maria sobe, acompanhada de companheiro do bando, ao último quarto de um sórdido hotel, de cuja janela ela presencia a execução e nos olhos emocionados da bela mulher, se espelha a trágica caida da guilhotina que corta uma cabeça e ao mesmo tempo uma intensa paixão, enquanto na mente de Maria, ela vê-se enlaçada pelos braços de seu amado dançando ao som de uma linda valsa, deslizando sôbre um salão deserto de um romântico baile de arrabalde.



Um ardil em elaboração.

Uma busca acidentada.



• A NOSSA CAPA

JANE RUSSELL

De ALICE GONZAGA, exclusivo para "A CENA"

A nossa capa traz uma foto de Jane Russel no filme "French Line", que discussões intermináveis causou e tem causado em todo o território americano. Dizem que a dança desta "estrêla", de grande porte de cabelos negros, jamais foi vista na tela, nestes últimos 30 anos. Por isso a Production·Code Administration não deu o sêlo de aprovação. Jane faz uma milionária do Texas, assediada naturalmente pelos homens e é Gilbert Roland quem consegue desposá-la. A maioria das cenas são passadas a bordo de um navio, enquanto outras no Texas, New York e Paris. Nesta última há um grande desfile de modas.

Nove canções fôram especialmente escritas para o filme, das quais Jane canta três. O "maillot" da milionária foi desenhado pessoalmente por Howard Hughes, quem a levou para o cinema. Imaginem que entre mil retratos de candidatas o dela foi escolhido. Tinha sido enviado por um caçador de talentos, que o encontrara num atelier fotográfico. O produtor milionário, interessou-se; obrigou o caçador a gastar vinte e quatro horas para localizá-la.

O primeiro filme de Ernestine Jane Geraildine (o nome Jane foi em homenagem a Jane Cowl, notável artista do passado) foi o "Proscrito", que trata da vida do célebre bandido Billy, the kid. Feito em 1939 demorou a ser exibido; o que aconteceu sòmente em 1950. Outros dizem que foi realizado em 1941 e só apresentado em 1949 no Brasil e o que é o mais provável. Demorou a ser exibido porque fôra proibido pela Liga de Decência e outras demais instituições dos Estados Unidos. Hughes, o magnata da indústria, porém, reclámara contra a censura: "Ou passava inteiro, sem cortes, ou não passava. Nada tinha de imoral". Resultado: a lei absolveu o filme e uma boa propaganda foi feita por Howard, que tem talento para fazer falar de seus filmes como de suas "vedettes".

A "vedette" de Bemidgi, Minnesota (21-6-921) trabalhou num consultório médico, foi modêlo de fotógrafo, sócia de uma fábrica de roupas e telefonista de 10 dólares por semana. Filha da artista Geraldine Jacobi, que foi espôsa do grande ator George Arliss, estudou nas escolas de Reinhardt e Ouspenskaya. Quando mocinha, ela e seus irmãos tinham uma orquestra. Jane ao piano e Tom, Kenneth, James e Wallace respectivamente tocavam: trombone, clarinete, violino e bateria.

(Continua na pág. 34)



Jane Russell: preocupação nas ligas de decência...

A robusta Jane Russell sofre retoques na maquilagem no intervalo de filmagem.



Uma dupla de sensação — armadas até a cintura.



CINEMA BRASILEIRO

DE SANIN

DOIS FILMES INDEPENDENTES E A ATIVIDADE DE UM CINE-CLUBE



Um dos próximos lançamentos da Unida Filmes será o filme «O Petróleo é Nosso», produção e direção de Watson Macedo, filmado nos estúdios da Brasil Vita Filmes». Do numeroso elenco fazem parte: Violeta Ferraz, a excepcional atriz do nosso teatro de revista, Catalano, Adelaide Chiozzo, Heloisa Helena, Pituca, o ator cômico que vem se fixando no panorama artístico nacional, Sérgio de Oliveira, Mary Gonçalves, John Herbert, Nancy Wanderley, Consuelo Leandro. O filme, que é um musical pré-carnavalesco, conta ainda com a colaboração, nos números musicais, de Linda Batista (no flagrante acima), Emilinha Borba, Virgínia Lane, Gilda Valença, a orquestra de Ruy Rey e muitos outros «astros» de cartaz do nosso rádio. Houve um esfôrço evidente de Watson Macedo de superar o que já foi feito no gênero.



Lia Cortese, Francisco de La Vega, Mira Sander, Suely Pacheco, Cassandra Barros e Maurício de Barros, num intervalo de filmagens de «Capricho de Amor», produção de Osvaldo Valle Verde, direção de Hermogêneo Rangel, fotografado por George Tamarski e montado por Constantin Swczenko. A respeito dêste filme ouçamos seu diretor: — «Se eu dissesse algo sôbre o filme, o qualificasse entre os bons celulóides nacionais, alguns me achariam demasiadamente pretencioso. Se ao contrário — sinceramente não o faria — dissesse, estaria mentindo a mim mesmo. Portanto a conclusão lógica: espero a opinião do público, da crítica, de todos que prestigiam o cinema brasileiro. Se fiz um filme, quis colocar minha parcela de dedicação em prol de nossa cinematografia».

Surpreendente, digno dos maiores elogios, é o movimento entusiástico dos jovens cineclubistas de Marília no interior do Estado de São Paulo. O crescente entusiasmo pelas artes tem-se feito notar através de inúmeras iniciativas louváveis, algumas das quais vieram, posteriormente, a falir por falta de apoio financeiro. E' realmente doloroso ver morrer revistas, programas de atividades culturais que só visam o engrandecimento do saber. Por isso parabenizamos o Clube de Cinema de Marília pela sua constante atividade através de conferências e exibições. Ainda recentemente, foi realizada uma pequena mostra retrospectiva do cinema silencioso com a projeção de «Atualidades Lumière», «Couraçado Potemkim» e outros, apresentados por Caio Sheyby, do MAM de São Paulo. Cogita atualmente o recém-fundado Colégio de Diretores do Cine Clube, convidar Alberto Cavalcânti para apresentar o seu filme «O Canto do Mar». «A CENA» congratula-se com o povo de Marília que saberá, por certo, compreender e apoiar os jovens estudiosos, estimulando nêles o amor à cultura.



CARTAZES em Revista

Orientação crítica de JONALD, L. BOLTSHALSER, H. ANDERSEN, SANIN e I. PÔRTO ★ Em São Paulo: C. MAXIMIANO e A. NYFFENEG

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; 0 — inqualificável.



«Páscoa de Sangue», distribuído pela Art-Films.

LANÇAMENTOS NO RIO

PRÉ-ESTRÉIA DA PRÓXIMA SEMANA

2 — "MÚSICA E ROMANCE"

O filme decepciona. Não faz jus à intenção de ser uma comédia de época. Gira em tôrno de um menino que foge do orfanato e é achado por um dêsses charlatões que viajam em carroças ambulantes vendendo tônicos miraculosos. A má situação do orfanato não pode ser denunciada, pois viria a comprometer dois políticos inescrupulosos às vésperas de eleição. O nosso menino fugitivo tem voz, e como os demais meninos ou meninas prodígios canta, naturalmente, a «Ave Maria». Há várias músicas na fita, algumas bem agradáveis cantadas pela atriz Carole Matthews, e por um ator negro, companheiro de Dan Dailey, o pseudo-médico. Há a notar, com alguma dose de boa vontade, laivos de satirização — nas histórias contadas por Dailey — anêmicamente porém. Douglas Sirk dirige o espetáculo desinteressado e a atriz Dianna Lynn, sem oportunidades, nada tem a fazer. O colorido proporciona, logo no início, uma bela visão paisagística e a música de fundo é algumas vêzes adequada. Conforme se vê, é um filme de altos e baixos. Entretanto, como os intérpretes são apreciáveis, a apatia do diretor, embora não vencida, é suportável. O garôto é Chiet Allen, famoso cantor do rádio americano. Título original: «Meet Me At the Fair». Estreado em S. Paulo, no início do corrente ano, no Ritz S. João e circuito. A ser lançado na próxima semana.

2 — "INFERNO Nº 17"

Analisado na A CENA nº 11, nas «80 Pré-Estréias do Festival de S. Paulo». Destaca-se bem o trabalho de William Holden, premiado por esta película, na Academia de Hollywood. O grande diretor de «Farrapo humano» não mantém, desta feita, a sua tradição. Muitos lugares comuns, alguns trechos esparços aproveitáveis mas nada de formar uma unidade de mérito. A estrear no Plaza.

PRÉ-ESTRÉIAS DA PRESENTE SEMANA

2 — "NA SENDA DO CRIME"

Também estreado no Festival Internacional de S. Paulo, foi alvo de longa crítica na página 24 da A CENA nº 14. A história é fraquíssima mas há a agradável surprêsa de o roteiro (escrito por 4 ou 5 elementos) ser suficientemente ágil, fugindo às habituais características de tantos dos nossos filmes que são tão «parados». Flamínio Bollini Cerri que para o teatro tem as suas boas qualidades (crítica da peça «Mortos sem sepultura», na A CENA nº 19) não as positivou no cinema, embora, de maneira geral, não desaponte. Há uma bela seqüência — a melhor do filme — que decorre em um salão de cinema, durante a projeção, a qual constitui um «achado» perdido no sofrível tão nítido da película. Miro Cerni é o melhor do filme. Cleyde Yaconis, tão bem no teatro, não foi suficientemente solicitada pela direção. Está apática demais. Uma pena a Vera Cruz, com as suas dificuldades, gastar dinheiro com uma tão débil história.

3 — "A ÚLTIMA SENTENÇA"

O que salva o cinema atualmente, é a presença de produtores e diretores cientes de sua responsabilidade perante o público, em relação à qualidade dos filmes. Entre as películas de boa qualidade destacam-se aquelas que, além de humanas e sentimentais, exploram e expõem problemas que afligem a humanidade. «A última sentença», expõe o problema de universitários, que pelas circunstâncias, são forçados a viverem longe de seus progenitores, em pensões, ou repúblicas, onde a promiscuidade de sexos favorece os fracos de espírito. É sem dúvida, um bom filme. Quanto às interpretações de Charles Vanel e Antonella Lualdi ótimas, e boa a de Eleonora Rossi Drago, ficando sob crítica, a escolha de Jacques Sernas, como o chefe da quadrilha de estudantes. Entre as cenas mais comoventes, destacam-se aquelas onde o severo magistrado ressalta a justiça acima de tudo, falando como um pai que apela pelo bom senso da sua filha querida. Sente-se a preparação durante a primeira metade da película cujo diretor, Mario Bonnard, soube utilizá-la para chegar ao «climax», respeitando a boa continuidade da mesma. Título original: «L'ultima sentenza», filme italiano distribuído pela Luso Filmes. (De A. Nyffeneg, em S. Paulo). Em exibição no Presidente.

FILMES EXIBIDOS A PARTIR DE 24 DE MAIO

3 ½ — "OS 5.000 DEDOS DO DR. T"

É uma produção de Stanley Kramer, produtor que se tem impôsto entre os melhores de Hollywood. A presente película, sob a direção de Roy Rowling e segundo um argumento de Theodor Seuss Geisel escritor de livros infantis, encontrou numa inteligente cenarização a solução para se converter num muito bom espetáculo. As imagens, fotografadas por Franz Planker, muito bem procuradas, estão enriquecidas por um belo colorido. Sem dúvida, o que há de mais interessante na película é a arte e imaginação de um decor, onde o bom gôsto e a fantasia em doses justas ficam bem adequadas ao tema fantasioso do sonho de uma criança, realizado por Cary Odell. O menino sonha com tudo o que possa ocupar a sua mente e causar-lhe temor — perseguições policialescas, desintegração atômica, aparelhos miraculosos, etc. As suas soluções de momento são as do seu mundo infantil, condicionadas às histórias em quadrinhos ou películas de mocinhos. Há um número musical, dançado sob a marcação de ótima coreografia para o gênero, de Tugene Loring, digna de ser vista, pela sua notável excentricidade. É boa a interpretação do garôto, Tommy Rettig, e principalmente do caricato «Dr. T», Hans Conried, coadjuvados por um bom «cast». O filme poderá interessar a muitos. A originalidade está presente nesta fantasia musical em «technicolor». As imagens acompanha uma música curiosíssima. «The 5.000 Fingers of Dr. T», produção Kramer, estreou no Pathé.

1 — "AO SUL DE SUMATRA"

Uma brilhante incursão da civilização numa ilha selvagem, entre gente inculta e muito ignorante, resultando num «show» para os nativos de algumas das maravilhas da gente civilizada, tais como uísque, charutos, metralhadoras, isqueiros e outras preciosas invenções. A turma fica boquiaberta e, naturalmente, prontifica-se a servir de burro de carga para os intrusos. Os inúmeros perigos arrostados por Jeff Chandler, dos quais triunfam seus possantes punhos, são atravessados impàvidamente pela loura heroína, bem vestida em plena selva como uma boneca elegante da Quinta Avenida. Há também uma mestiça, 50% inglêsa, essa porcentagem dando direito a alguns beijos sem compromisso do herói. Mas tudo fica nisso; no fim (a censura respira), o mocinho descobre que o amor da sua vida é a lourinha, e a nativa enviuvada vai-se consolar com o trono recém-herdado. Pelo próximo avião chegará a ilha selvagem um padre, para abençoar em regra a união dos heróis. E está salva a pátria. Mas antes disso, os pobres invasores passam muitas aperturas por causa do chefe nativo, ficando inteiramente sem provisões. Felizmente, a de cigarros é inesgotável, e Jeff Chandler pode posar à vontade, com um cigarrinho pendurado no canto da bôca. A essa indigesta mistura acrescente-se a indefectível dança «típica», que apresenta alguns poucos vestígios de uma «hula» ultra-comercializada, e que Suzan Ball como tôda nativa — ou vice-versa — encarrega-se de interpretar. E Budd Boetticher procurará, por certo, outras terras para servir de cenário aos suculentos «abacaxis» que os estúdios de quando em quando fazem-no preparar. Pobres dos espectadores! «East of Sumatra», uma produção Universal International, foi lançada no Odeon e circuito.

1 ½ — "AS AVENTURAS DE ROCAMBOLE"

Inspirado no famoso romance de Ponson Du Terrail, Rocambole fêz-se adjetivo pelo inacreditável de suas aventuras tumultuosas e pelo inverossímil das situações. Tratado várias vêzes cinematogràficamente, em nenhuma logrou autenticidade. Isto porque os personagens não são estruturados humanamente. Agem, falam, comem e têm todos os hábitos normais de homens; faltam-lhes, entretanto, espírito que os torne vivos e pensantes. O excesso de ação nada mais faz que iludir o espectador mas, paralelamente, não há nenhum desenvolvimento psicológico, nada que identifique Rocambole, Baccarat, Andrea ou outro qualquer personagem do romance com o ser que sofre, ama e, eventualmente, rouba e mata. O filme de Jacques Baroncelli é vulnerável em todos êstes pontos. Acresce uma completa falta de unidade no corte, com emprêgo excessivo de cortinas, um roteiro mal elaborado comprometendo o desenvolvimento da película, fotografia irregular, cenários de mau gôsto e, apenas na seqüência do baile, fazem-se notados alguns vestuários melhores, embora

carecendo totalmente de imaginação. A direção também pecou por ineficiência. Pierre Brasseur no papel de Rocambole, inteiramente sôlto, bem longe daquele criador de «Barba Azul». Parece, cada instante, estar brincando de fazer fita. Sophie Desmarets, em Baccarat, é quem atinge melhor «performance». Os demais, Lucien Nat, Robert Arnoux, Armontel e cutros passam desapercebidos ou mal percebidos. Note-se que a música de Renzo Rosselini, que não se furtou a uma incursão ao minueto, dá à película êste ar de irresponsabilidade que desfruta. Lançamento do Rivoli e circuito. Título original: «Rocambole-Baccarat», estreado no Rivoli.

2 — "O PRISIONEIRO DE ZENDA"

Já analisado na A CENA nº 17, por ocasião do Festival M. G. M. Conforme foi esclarecido no retrospecto «Os melhores filmes de todos os tempos» (A CENA nº 19) esta foi a sexta versão do célebre livro de aventuras. A direção de Richard Thorpe, seguindo um roteiro comercial, não pôde estabelecer um contacto mais íntimo entre o espectador e as personagens do tema. A melhor seqüência é o clássico duelo no epílogo, entre o herói (Stewart Granger) e o vilão (James Mason, aliás, muito bem). Deborah Keer é uma figura decorativa.

1 ½ — "A ÚLTIMA CHANCE"

Outro celulóide cuja análise minuciosa já havia sido feita entre as «80 Pré-Estréias do Festival de S. Paulo» e publicada na A CENA nº 11. Embora exista cópia em 3-D, o filme foi apresentado em projeção normal. Os melhores efeitos de «suspense» que haviam sido criados com uma finalidade, o relêvo, não surgem nesta cópia. A história é tão fraca quanto o filme. A direção de Rudolph Maté foi, contràriamente ao que tem mostrado em méritos, muito falha desta vez. Inexpressivos também Robert Mitchum e Linda Darnell.

OS "BÓLIDES"

(ESTRÉIAS EM CINEMAS DE BAIRRO OU FORA DA CINELÂNDIA)

1 — "MULHERES SEM AMANHÃ"

Com tôdas as características que colocaram o cinema mexicano na supremacia cinematográfica do melodrama barato, esta produção de Mier & Brooks tenta uma variação. Vã tentativa, pois a escola se impôs no cine azteca. Desde o argumento, passando pelo roteiro e finalizando pela elaboração, a influência da novela «Fácil» é patente. A lapidação por que deveria passar o filme é em sentido inverso: a elaboração é primária, o roteiro secundário e pretencioso e a história ambiciosa. «Mulheres sem amanhã» são seis profissionais de cabaré subjugadas por seus passados, seus luxos, suas vergonhas e dores. Passam elas pela tela, gritando angústias, sussurrando filosofia íntima entre fumaças dos cigarros e um copo de bebida. Tudo isso exposto em cenas paradas, cansativas, com uma canção para cada caso. A letra das canções se adapta sempre ao drama de cada uma (coincidência!). As «meninas» são interpretadas por Leticia Palma (a protetora, a sacrificada), Carmen Montejo, Rebeca Iturbide, Andrea Palma (proteção familiar) e Conchita Carracedo, algumas com ótimas máscaras e outras apenas «mascaradas». O veteraníssimo André Soler também aparece. Tito Davinson (um dos mais ativos diretôres mexicanos), que colaborou no argumento e no cenário com Jesus Calveran, dirigiu a fita, impondo em todos êsses setores sua marcante mediocridade. Filme mexicano. Título original: «Mujeres sin mañana». Exibido em programa duplo no Íris com o filme inglês «Aprendendo a ser homem» (dirigido por Gordon Parry e produzido por Brian Desmond Hurst), com Robert Newton e o menino revelação de «Oliver Twist»: John Howard Davis. (Já analisado na semana passada).

1 — "O ÚLTIMO TORPEDO"

Trata-se de ambicioso filme da Allied Artist, companhia produtora de 2ª linha, haja visto a presença de Mark Stevens, um «astro» de fama e o empenho junto ao Departamento da Marinha de Guerra dos Estados Unidos. Nenhum interêsse desperta êsse filme de submarinos, dirigido pelo medíocre Lew Launders que comandou o desperdício de celulóide. Faltou-lhe pulso na direção dos artistas, que além de fracos estão abandonados em cena. Completam o elenco Dorothy Malone, Charles Winninger, Douglas Kennedy e Bill Williams (que dirigiu o filme de Errol Flyn, «Capitão Fabien»). Cenério de Sam Roeca e Warren Douglas. Foi exibido em programa duplo no Íris com uma fita de Johnny MacBrown: «Trio do crime», que registramos apenas pela presença do atlético James Ellison, antigo «astro» de alguns filmes de terror produzidos por Val Lewton. Título original: «Torpedo Alley», Allied Artistists. Estreado em 17 de maio no Íris e Tijuca.

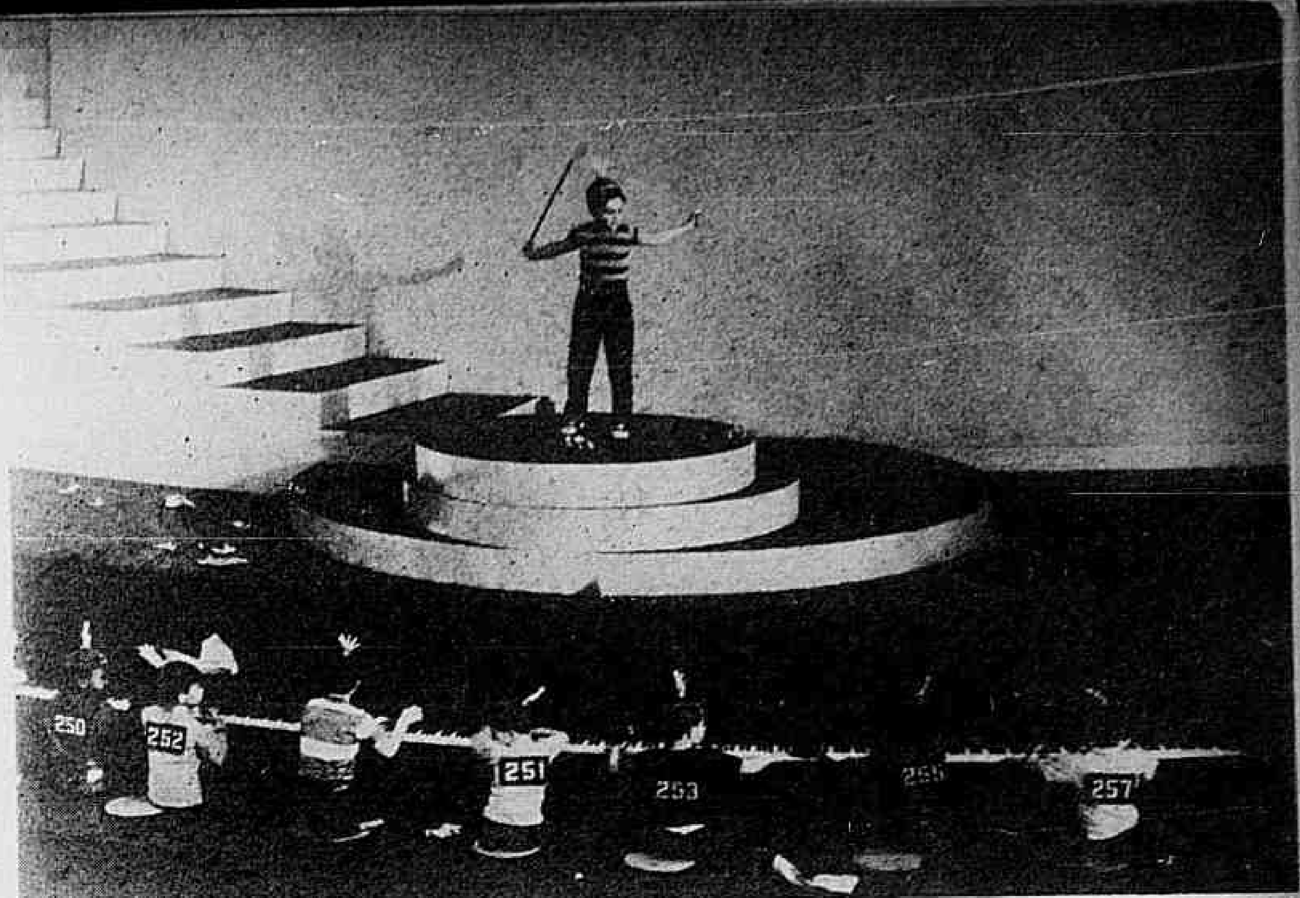
REGISTRO DE "BÓLIDES"

Corre pelos cinemas de Niterói «O filho do sheik» do saudoso e romântico Rodolfo Valentino. Sua popularidade decresceu tanto que os exibidores relançam-no em cinemas de bairro. Em cartaz dia 21 de maio no cine «Boaventura em Niterói.

«TRAGICA EMBOSCADA» («The savage») — Produção da Paramount de 1952 em «technicolor». A história de L. L. Foreman gira em tôrno de lutas de índios e brancos (o tema é velho). Charlton Heston («O maior espetáculo da terra») encarna um guerreiro pele vermelha. Encontramos no elenco da produção de Mel Epstein: Joan Taylor, o ótimo ator Ted de Corsia e Ian MacDonald. Direção de George Marshall («Atire a primeira pedra») e roteiro de Sidney Boehm (um expert). Crítica no próximo número.

«A VINGANÇA DOS ELEFANTES» — Trouxe mais uma vez a figura de Bomba — filho das selvas — com Johnny Sheffield (o «Boy» filho de Tarzan) já crescidinho, vivendo aventuras entre leões, elefantes e árvores artificiais com Donna Martell, John Kellogg e Myron Healy. O filme foi exibido no seu cinema exclusivo, o «Lapinha»

«O TIGRE SAGRADO» («Woodoo Tiger», Columbia) — Um dêsses filmes de selvas que não compensam maior espaço. Basta dizer que o já ancião Johnny Weissmuller ainda pretende (com reumatismo e tudo) sugerir um êmulo de Tarzan. Jean Byron, James Seay, Jeanne Dean e outros completam o elenco. Estreado no Alvorada, S. Pedro, etc.



«5 000 Dedos», da Columbia, em exibição no Pathé.

"REPRISES"

Digna de nota e aplausos é a programação no Cine Alaska, que se está especializando em «reprises», tendo ùltimamente apresentado «Adúltera» e «Na cova das serpentes». Em «Le diable au corps», seu diretor, Claude Autant-Lara, criou uma atmosfera poética maravilhosa para o romance entre o adolescente e a mulher adúltera, vividos por Gerard Phillipe e Micheline Presle, não tendo para tal utilizado rebuscamentos técnicos para expor o conflito sentimental do casal, cabendo a tarefa a seus intérpretes, no que se houveram com inspiração. «Na cova das serpentes» há um bom estudo sôbre loucura e seus tratamentos. Olivia de Havilland conseguiu notável desempenho no papel de mrs. Cullingham que perde a razão, recuperando-a após intenso tratamento. Imagens vigorosas de Anatole Litvak (diretor de «Dois contra uma cidade inteira», «A vida por um fio» e «Noite eterna»). Há seqüências inesquecíveis como a do interrogatório, quando Olivia trava conhecimento com as loucas. Por isso elogiamos a iniciativa do cine Alaska, louvável sob todos os aspectos. Precisamos combater as «reprises» tipo «Noites de Paris» ou «Tormentos do desejo», típicos caça-níqueis, que exploram os mais baixos sentimentos. Aos fãs de cinema, principalmente aos que estão solicitando na CENA «reprises» pela «enquête» «Quais os filmes que desejaria rever?», cconselhamos atenção à programação do Alaska.

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

A PARTIR DE 17 DE MAIO

INÉDITOS NO RIO

«O HOMEM DO TERNO BRANCO» («The man in the white suit») — Filme inglês, com Alec Guiness e Joan Greenwood. Direção de Alexander Mackendrick. (No Normandie).

«O CARRASCO DOS TRÓPICOS» («Tropic Zone») — Paramount, em «technicolor», com Rhonda Fleming e Ronald Reagan. Direção de Lewis R. Foster. (No Bandeirantes).

«CIDADE DO MAL» («City of bad men») — Fox, com Dale Robertson e Jeanne Crain. Direção de Harmon Jones. «Far-west». (No Ritz São João e circuito).

«ASAS DE FOGO» («Sabre Jet») — United, com Robert Stack e Collen Gray. Direção de Louis King. (No Marrocos e circuito).

JÁ EXIBIDOS NO RIO

2 — «VIVENDO SEM AMOR» («She's Back on Broadway») — Com Virginia Mayo e Steve Cochran. Direção de Gordon Douglas. (No Ipiranga).

2 — «MINHA ESPADA, MINHA LEI» («Master of Ballantrae») — Com Erroll Flynn e Beatrice Campbell. Warner. (No Art Palácio, em tela panorâmica). Criticado nas «Pré-estréias do Festival».

«A LOUCA AVENTURA» («The I don't care girl») — Com Mitzy Gaynor e David Wayne. Direção de Lloyd Bacon. (No Marabá e circuito).

1 ½ — «MULHERES SACRIFICADAS» — Produção mexicana, com Ninon Sevilla. Apresentação da Pelmex, no Broadway e circuito.

"REPRISE"

«COMBOIO PARA LESTE» («Action in the North Atlantic») — Warner, com Humphrey Bogart e Julie Bishop. Direção de Lloyd Bacon. Drama de guerra e aventuras. (Cartaz no Cine Ópera).

PERMANÊNCIA EM CARTAZ

3 — «O MANTO SAGRADO» — (No República e no Cine Plaza). Cinemascope. Fox. Em 7ª semana.

2 ½ — «OS FILHOS DO AMOR» (Les enfants de l'amour) — 5ª semana, no Jussara. França Filmes.

3 — «A HISTÓRIA DE TRÊS AMÔRES» — (2ª semana, no Metro e circuito). Metro.



Um grupo formado por Jean-Louis Barrault, Jean Dessally, Simone Valère, Madeleine Renaul e Pierre Bertin.

TEMPORADA BARRAULT NO MUNICIPAL

Girandoux é um autor que merece todo o respeito. Entretanto, decepciona êste seu trabalho. Uma coisa é a verdade, o real, o que se passa no âmbito desta fraca realização. Uma outra o que pretendeu, abstratamente, o autor. Não adianta muito as evazivas de que se trata de uma moderna tragédia, em tôrno da pureza, das intenções ocultas que não se completaram devidamente. O fato é que os recursos cênicos, dramáticos ou melhor, em linguagem mais fácil a própria "carpintaria teatral" se afigurou. O que há, sim, no texto de bom é o fraseado e a imaginação brilhante do autor que, entretanto, não prosseguiu além, pois o conjunto teatral é eminentemente frustado. Acontece, entretanto, que foi representada por um grande elenco e, sòmente por isto, se tornou um espetáculo que pôde manter certo interêsse. Há uma frase de Molière, citada na peça "Amphitryon" e, com o decorrer dos séculos, consagrada pelo público, que elucida bem o amplexo entre a peça e a representação. A "pilula" foi simplesmente dourada. Aceita-se, sim, mas com a inestimável ajuda da arte de representar do genial Barrault, da revelação que foi Natalie Nerval, do poder expressional de Madeleine Renaud, do talento de Jean Servais, no arrebatado amoroso e, um pouco menos, para Jean Desaily que, por alguns instantes, facilitou com certos diálogos, emitindo-os sem sentir devidamente. A bela cenografia de A. M. Cassandre favoreceu a atmosfera e tornou, ao lado da eloquente "mis-en-scene" mais dourada ainda a "pilula".

Em contraposição, entre outros exemplos, a peça de Claudel, "Le Livre de Christophe Colomb", apresentada em três récitas sucessivas (sexta, sábado e domingo) provàvelmente, uma das maiores concepções cênicas que o público carioca, aficionado de teatro, logrou ver. Embora ao conteúdo possam ser feitas restrições, que obrigaria a reportar-nos à verdade histórica e a sua adaptação por Claudel, não resta dúvida que, como peça de teatro (sòmente êste aspecto entra em jôgo nesta crônica) é uma obra de muito valor. Bem construída e de magnífico desenvolvimento, proporciona um espetáculo em que se conjugaram os esforços do hábil e inteligente "metteur en cènne" que é Jean Louis Barrault que, sem dúvida, inspirou-se no cinema para certos imponentes efeitos, do seu elenco homogêneo que conta com a colaboração dos melhores intérpretes da França. Madeleine Renaud, Pierre Bertin, Jean Servers e todos os mais técnicos, maquinistas, etc. Cooperam com os seus recursos, alem do côro, dos elementos da figuração todos êles brasileiros, a musica precisa de Darius Milhaud, os cenários funcionais e simples que jogam com elementos figurativos de grande beleza, verdadeiros achados cenográficos, portentosas soluções. Nada faltou para que tudo corresse na mais perfeita harmonia. Convém não esquecer a difícil iluminação, onde as luzes variavam a cada instante. Na perfeição conseguida pelos técnicos e eletricistas. O esfôrço conjugado de todos fêz-se sentir a cada instante da representação. Por isto provàvelmente, a obra ficou impregnada dêste alto significado humano que fazia-nos aceitar o céu e a eternidade representados como fatos autênticos e admiti-los integralmente do espírito a que se destinava.

(No próximo número terminará a crítica da temporada Barrault)

Teatro Música

OSWALDO de OLIVEIRA

UM VALOR NOVO: HENRIQUE GANDELMAN

Das mais árduas e importantes fases na vida de um artista é aquela em que, abandonando os bancos escolares, adquiridos os conhecimentos técnicos indispensáveis à criação de uma obra de arte, entra em contato com a profissão e, portanto, com todos os percalços do início de carreira. Agrava a circunstância que a arte é a "mercadoria" menos procurada no Brasil. Parabenizamos, portanto, o diretor Alex Viany pela escolha do compositor patrício Henrique Gandelman, para que êste realizasse a partitura de seu filme "Rua Sem Sol". Violinista, tendo cursado a Escola Nacional de Música, maestro, tendo regido e dirigido a Orquestra da Rádio Clube do Brasil, arranjador e compositor, logrou conquistar uma bôlsa de estudos aos Estados Unidos, onde, ao lado de Aaron Copland, teve oportunidade de aperfeiçoar seus conhecimentos musicais, principalmente no que se refere à composição e orquestração, especialidades que vêm absorvendo atualmente, a totalidade de seu tempo.

Homem de seu tempo, participa ativamente dos movimentos artísticos e das correntes mais avançadas. Estudioso do cinema, vê nesta arte, no que se refere à música, uma conciliação entre o tonalismo e o atonalismo e, pelas próprias circunstâncias da criação, a música no cinema torna-se uma arte disciplinadora do artista. Henrique Gandelman, valor novo da nova geração de compositores, trabalha atualmente na realização de músicas para o repertório de Vanja Orico e brevemente teremos oportunidade de ouvir mais uma partitura, pois Alex Viany, satisfeito com a primeira experiência, lhe encomendou para seus próximos filmes.

Henrique Gandelman, jovem maestro e compositor brasileiro, valor positivo da nova geração.





Na Itália, o sr. Herbert J. Yates, presidente da Republic Pictures, foi condecorado com a Ordem de «Comandante de Mérito da República da Itália». Vera Ralston assiste à cerimônia em homenagem ao sr. Yates.

DE TODO O MUNDO

Serviços Especiais para "A CENA", coordenados por L. BOLTSHALSER

ITÁLIA

Depois do abortado projeto de uma biografia cinematográfica de Primo Carnera, planeja-se agora um filme sôbre um ás do esporte não menos popular: o corredor Gino Bartali. Diz-se que o campeão já assinou contrato com a "Stella d'oro film". Silvio Gigli será o cenarista e o diretor da produção, e o "slogan" publicitário do filme — autorizado pelo desportista — é "Bartali, "astro" da tela".

Marcelo Pagliero iniciou as filmagens de "La trappola d'oro", com Maj Britt e Vittorio De Sicca. O argumento do filme é de autoria de Cathérine Désage e a cenarização de Ennio Flaiano. Os outros intérpretes, além de Pagliero, são, Gabrielle Ferzetti e Teresa Pellati. Fotografia de Mario Montuori.

URSS

Uma ópera de Rachmaninoff, "Aleko", foi transposta à tela em côres e em três dimensões. O intérprete principal de "Aleko" é Aleksandr Ognivtsev, do Grande teatro de Moscou.

MÉXICO

Eis os títulos de algumas películas cujas filmagens foram recentemente terminadas: "Cuando me vaya" de Tito Davison, com Libertad Lamarque e Miguel Torruco, fotografia de José Ortiz Ramos; "La rosa blanca" de Emilio Fernandez, com Roberto Cañedo e Julio Villaroel, fotografia de Figueroa; "Caballero a la medida" de Miguel Delgado, com Cantinflas; e "El gran autor" de Alfredo Crevenna, com Pedro Lopez Lagar.

FRANÇA

A França continua exportando para todo o mundo populares "astros" do seu cinema. Nicole Maurey é considerada por Hollywood como uma nova Rita Hayworth. Gérard Philippe foi convidado pela DEFA, da Alemanha Oriental, a filmar na zona Leste de Berlim, quando aí estêve apresentando seu filme "Fanfan la Tulipe". E, enquanto Jacques Sernas atua em um filme inglês, Maurice Ronet, que foi o companheiro de Danièlle Darrieux em "Châteaux en Espagne", encarnará "Bellini", numa produção italiana a ser rodada em côres.

Maurice Chevalier será o pai de sete filhas em uma produção que entrará em filmagens ainda êste ano, sob a direção de Jean Boyer sôbre um cenário de Jean des Vallières.

As serpentes não fazem mêdo a Viviane Romance, "estrêla" de "Carnavalito", onde atuará sob a direção de Josipovici, seu espôso. A película será rodada numa região entre a Argentina e a Bolívia, onde se encontram cobras de tôdas as espécies...

HOLLYWOOD

Heddy Lamarr anuncia sua decisão de abandonar o cinema, o mesmo acontecendo com Big Crosby, que fará apenas mais seis filmes, gozando depois as delícias de um bem merecido repouso.

O novato Edmund Purdom, que já está atuando em "O egípcio", será, a seguir, "O filho pródigo".

Quando os antigos estúdios de Chaplin em Sunset Boulevard foram adquiridos por uma companhia de televisão, esta decidiu consagrar uma das salas a um museu comemorativo da figura de Carlitos. Agora, o grande cineasta desfalcou a coleção fazendo vir à Europa, onde se encontra, seu velho chapéu côco, sua bengalinha e seus famosos sapatos... Nos estúdios californianos, como única lembrança de mais de trinta anos de atividade incessante, ficaram apenas a cabana de "Em busca do ouro", o carrinho de lixo de "Luzes da cidade", e um canto de rua com as fachadas em papelão de "Monsieur Verdoux".

ÁUSTRIA

Anton Karas, compositor do popular tema de "Harry Lime", do filme "O terceiro homem", ganha somas fabulosas tocando sua cítara para os frequentadores do "Zum Dritten Man", uma "boite" de luxo, aberta por êle em Simmering. Agora, Karas tomará parte como ator e naturalmente, como autor da partitura musical de um filme de produção austríaca a ser dirigido por Hubert Marischka.

O feitiço vira contra o feiticeiro. Audrey Dalton, Joan Elan e Dorothy Bromiley, três inglesinhas contratadas pela Paramount para o filme «Pleasure Island», pintam o sete com Bill Wood, maquilador da emprêsa.



CINE-RESPOSTAS

TÔDA CORRESPONDÊNCIA PARA ESTA SEÇÃO DEVERÁ SER ENDEREÇADA A ROVLAND, CINE-RESPOSTAS, "A CENA MUDA", RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15, RIO DE JANEIRO, BRASIL.

JOÃO CARLOS LANGLOIS (Pôrto Alegre) — A) Recebemos a crônica "Uma coroa para Eliana" que será publicada. Foi bem aprovado. Grato; B) O concurso de "reprises", conforme foi bem esclarecido na sua regulamentação — que foi publicada por duas vêzes — excetuando os celulóides refilmados (é impossível reapresentar uma antiga versão se existe uma outra, mais recente, além do fato de, em geral, os direitos de filmagem serem passados de um para outro estúdio), outorga inteira liberdade ao leitor. Evidentemente, não se estende ao cinema americano e sim, internacional; C) Vamos transmitir o seu pedido ao Sanin, de reportagem sôbre Eliana Macedo. Certamente será atendido; D) Números para o sorteio dos álbuns: 201, 202 e 203.

CARLOS AQUINO (Bahia) — A) A sugestão de um concurso para atores do cinema brasileiro não pode partir de "A CENA" e sim de algum estúdio que esteja interessado em determinado tipo. Que adiantaria a revista promover um concurso se, com a crise que perdura tão forte (ou mesmo sem ela) ficaria em situação difícil a fim de um determinado rapaz ser aproveitado? A idéia é boa se uma organização oferecer garantias para um futuro contrato para o eleito; B) A sua sugestão quanto aos vencedores da "Página do Leitor" já fazia parte dos planos da orientação da revista. Isto é o que se chama sugerir e ser atendido fulminantemente. Muito além do que foi prometido já, agora, no final do 1º semestre a sua idéia, que também o era da revista, será posta em prática. Vai ser uma grande surprêsa; C) Quanto ao caso da distribuição da revista, vamos apurar o motivo. A remessa direta, através de assinatura registrada, abrevia muito o tempo; D) Agradecemos as atenções. Para o sorteio dos álbuns os seus números são: 204, 205 e 206.

GUMERCINDO A. FELÍCIO (Londrina, Paraná) — A resposta da sua atenciosa carta foi publicada na "A CENA" 20 e, inclusive com os números do sorteio dos álbuns. Os "coupons", desde que contenham os nomes dos votantes, podem ser escritos em papel à parte. Gratíssimos pelos seus encômios sôbre as últimas capas. Realmente, muito melhorou a impressão da revista e todos os outros progressos foram para corresponder as múltiplas atenções e ao entusiasmo dos leitores.

REYNALDO IVO DAUDT (Pôrto Alegre) — A sua seção predileta, coincidindo com as temporadas que se inauguraram, já está tendo outro aspecto. Inclusive, durante a temporada de Barrault, as principais figuras da companhia foram entrevistadas. No próximo número sairá com Nicole Berger (do cinema, do filme "O trigo cresce", estreado no Festival de São Paulo), a seguir com o próprio Barrault e Madeleine Renaud. A ampliação de Cine Respostas veio simultâneamente com o incremento da revista, da correspondência e do pedido de muitos leitores. Grato por tudo. Números para o sorteio dos álbuns: 207, 208 e 209.

REYDNER (Juiz de Fora) — Agradecemos. A primeira apuração do concurso de "reprises" será a 31 de maio. Números para o sorteio: 210, 211 e 212.

D. A. ALVES (São Paulo) — A sua primeira carta já havia sido respondida na "CENA" 20, quando recebemos esta outra em que acrescenta pedidos de biografias de Vírginia Mayo, Gloria de Haven, Betty Hutton, Terry Moore e Vera Ellen. A primeira e a ultima sairam, há pouco tempo, na capa. O redator que cuida do assunto tem muita vontade de atender a todos, mas nada poderá ser resolvido com rapidez devido ao vulto de anteriores solicitações. Os seus números já foram publicados no referido número. Grato.

JEANETTE ANTUNES (Taubaté) — Já está anotado o seu pedido em tôrno de biografia de Loreta Young. Quanto aos seus amôres o fabuloso arquivo de Ademar e Alice Gonzaga deve revelar alguns dêles, não todos, é claro. Números para o sorteio dos álbuns: 213, 214 e 215. "A CENA" agradece à família Antunes.

RUTH ANTUNES (Taubaté) — As suas gentis sugestões já vêm sendo postas em prática desde a segunda quinzena de dezembro de 1953. Na seção de "Cartazes em revista" têm saído críticas dos cinemas brasileiro, mexicano e italiano e, inclusive, nas "80 pré-estréias do Festival em São Paulo". Números para o sorteio: 216, 217 e 218.

MARIA G. CALIXTO (Passos, Minas) — A ampliação da sua seção predileta depende do número de pedidos. Embora ainda não tenha sido feita a apuração não parece provável que isto possa ocorrer. Agradecemos. Números para o sorteio dos álbuns: 219, 220 e 221.

JÚLIA TERESA MARTINS (Pôrto Alegre) — H. Andersen agradece. Números para o sorteio dos álbuns: 222,223 e 224.

ROBERTO BITTENCOURT (Pôrto Alegre) — A criação da galeria dos diretores virá dentre em breve. O pedido de história cinematográfica já vem sendo atendido, em parte, com "Os melhores filmes de todos os tempos". Depois, haverá uma segunda série, com o retrospecto sôbre o cinema silencioso. Quanto a supressão ou criação de seções sòmente um cômputo geral poderá indicar com precisão. Grato. Números para o sorteio dos álbuns: 225, 226 e 227.

J.B. MICHELL (Rio) — Grato. Números para o sorteio dos álbuns: 228, 229 e 230.

JOSE' PAULO DE OLIVEIRA (Itabaiana, Sergipe) — O seu trabalho sôbre "O cangaceiro" está sendo publicado hoje e foi esplêndido. Continue e muito grato. Números para o sorteio dos álbuns: 228, 229 e 230.

DURVALTÉCIO ARAÚJO FONSECA (Bahia) — Agradecemos as suas preciosas colaborações e tôdas irão sair. Quando estêve no Rio acertou o caso da importância para o Asilo? Números para o sorteio dos álbuns: 231, 232 e 233.

MÁRIO GUIMARÃES (São Paulo) — Ainda da anterior orientação de "A CENA", isto é, anterior a novembro de 1953, nos veio às mãos uma carta que se havia extraviada, com uma colaboração para "A página do leitor", relativa ao Cinema Nacional. Com todo êste atraso ainda vai sair. Agradecemos.

Rádio

EDEL NEY



Jackson do Pandeiro, paraíbano enamorado do Recife, vivêndo no Rio.

JACKSON DO PANDEIRO NO RIO

Jackson do Pandeiro começou sua carreira artística no interior da Paraíba, através de pequenas Emissoras, em tôdas se exibindo na sua especialidade, que todos pensavam ser a única; a de ritmista.

De galho em galho, quero dizer, de prefixo em prefixo, veio dar com os costados no velho Recife e dêle se enamorou, perdidamente. Nunca mais o abandonou. A Rádio Jornal do Comércio ficou sendo o seu lar. E, volta e meia, Jackson tentava concretizar o seu sonho, o seu grande sonho que era cantar. Cantar as coisas e as gentes do Nordeste, num ritmo louco todo do nordeste. Mas, os seus diretores, vendo a sua "fachada" (como se diz na gíria) desistiam de pô-lo em contato com o público, receosos de uma catástrofe.

Mas, afinal, há sempre um dia... O dia de Jackson chegou. E homem, em pleno auditório, desde o primeiro instante foi uma verdadeira fera. Botava no bôlso o maior cartaz da terra ou do estrangeiro, que estivesse por lá.

A Copacabana deu-lhe a chance de gravar e, quase da noite para o dia, lá do distante sertão, o nome e a voz dêsse caboclo verdadeiro projetou-se pelo Brasil a fora e por todo o Brasil fôra aplaudido entusiàsticamente.

Agora é um nome consagrado em todo o país, e em breve, não tenham dúvidas, mostrará lá fora, a verdadeira música brasileira.

* * *

COQUETEL DE ANGELA MARIA

Teve grande êxito o coquetel íntimo que Ângela Maria fêz realizar para os cronistas, na sede da ABR, por motivo de sua volta do Uruguai, onde colheu um mundo de louros. Durante a "party" a Rainha do Rádio mais justamente consagrada até hoje, agradeceu, também, à crônica especializada, o ter-lhe eleito a "melhor cantora de 1953". Nada a agradecer, Ângela! Enquanto os cronistas escolherem nunca mais serão eleitas "melhores cantoras" tão medíocres, como as escolhidas em anos passados, (com exceção, naturalmente).

* * *

DISCO-NOVIDADES

Apesar de tanto esfôrço, Marlene não conseguirá êxito com o seu novo disco, pelo menos com a face que está forçando, o medíocre samba "Toma jeito, João". Isso porque, o samba de Luiz Bandeira, além de ser fraquíssimo, já é criação de Maria Celeste na Copacabana, desde o ano passado, que o gravou com muito mais graça e charme. Além de tudo, a pernambucana Maria Celeste, da Tupi carioca, possui voz.

* * *

Outro lançamento feliz da Copacabana é o novo disco da Carmem Costa. Na face A, a cantora interpreta com tôda a sua personalidade, o bolero "Cancion del alma" em versão de Ferreira Gomes, que recebeu o título, em português, de "Canção da alma". O conhecido bolero de autoria de Rafael Hernandez, como se sabe, foi a música que deu origem à marchinha carnavalesca "Saca-rôlha". Na face B, Carmem Costa canta o samba-canção "Quase" de Mirabeau e Jorge Gonçalves.

* * *

Um dos sucessos do momento em tôdas as "Paradas", o fox-trot norte-americano "Oh!" foi também gravado pelo notável pianista brasileiro Valdir Calmon, que se fêz acompanhar por seu Conjunto. "Oh!" é de autoria de Byron Gay e Arnold Johnson. No acoplo, o exclusivo da Copacabana gravou "By lhe light of the silvery moon", (Sob o luar prateado) de Edwards e Madden, música do filme com o mesmo título recentemente exibido entre nós.



A CENA publicará os melhores trabalhos enviados para esta página — Há necessidade dos textos serem escritos à máquina e que não ultrapassem de lauda e meia de papel ofício, em espaçó dois — No final do corrente ano a orientação da revista ofertará duas lembranças aos dois colaboradores que mais se destacarem. Tôda a correspondência deverá ser endereçada a "Long-Short", "Página do Leitor"

"A ATRAÇÃO DO DESCONHECIDO"...

É interessante notar, como certos artistas, em vez de tentarem a sorte no seu próprio país, arrumam as malas, e correm para outro visando talvêz um sucesso mais rápido. Mesmo aqui no Brasil os estúdios estão cheios de artistas de fora — temos entre muitos, a francesa Josette Bertal, a alemã Angélica Hauff, e inúmeras outras. De Hollywood então nem se fala, pois é para lá que convergem os olhares de gente ansiosa por fama rápida e, por isso mesmo, perdemos Carmem Miranda que embora portuguêsa de nascimento, era considerada "coisa nossa". Perdemos Carmem de vêz; mesmo que ela volte, jamais a teremos como outrora: está "americanizada" ou para ser mais clara: sotisficada. A nossa própria Aurora Duarte "estrelinha" simples e bela do "Canto do Mar", foi dar uma volta no Festival e voltou diferente: "mascarada". Do Recife à São Paulo, não é do Rio à Hollywood...

Como dizia, a Meca do Cinema está repleta de gente de fora — da Itália, vieram Pier Angeli e Vittorio Gassman. Pier já era conhecida na Itália, através de filmes de quilate como "Amanhã será tarde demais" e "Amanhã é outro dia". A meiga intérprete de "Tereza", não resistiu ao convite da terra do cinema, e veio para ficar, arranjando inclusive um romance com o russo Kirk Douglas. Seus novos filmes embora bons de modo algum poderão se comparar com os dois citados. Pier já apareceu em "Milagre do Quadro", "Homem, Mulher e Diabo", e vem aí no recente "A história de 3 amôres". Vittorio Gassman, do excelente "Arroz Amargo", recentemente divorciado de Snelley Winters que o acusou de inescrupuloso pois casou-se com ela, ùnicamente para conseguir "cartaz" na América — também parece que veio de vez. No seu último filme, atua ao lado de Elizabeth Taylor. Da Alemanha vieram Hildegard Neff e a belíssima Ursula Thiess que estrelou aquêle enigmático "Ao rugir da Tormenta"; arranjou um romance com Robert Taylor. Roubou-o de Barbara Stanwick. Da França a formidável bailarina Leslie Caron e Corine Calvet, que foi acusada pela húngara Zsa Zsa Gabor de dizer-se francesa sem o ser. Parece que a intérprete de "Missão na Índia", "O preço da Glória", e "Escândalos na Riviera" ganhou a questão provando que era francesa mesmo. Zsa Zsa, há pouco divorciada de George Sanders, apareceu no excelente "Moulin Rouge", e envolveu-se há pouco num escândalo com o barba-azul Rubirosa que a presenteou com um tapa na face. Da América Latina veio o canastrão Fernando Lamas, o "gangster" daquêle medíocre "A jovem que tinha tudo" que só fêz mostrar a beleza e a falta de talento da lindíssima Elizabeth Taylor... Fernando que tirou Arlene Dahl dos braços de Lex Barker, apareceu em "Rica Moça e Bonita" com Jane Powell, e vem aí ao lado de seu ex-amor Lana Turner, em "Viúva Alegre". Da Argentina, Dick Haymes, péssimo ator, ótimo cantor que foi ameaçado de deportação, casou-se há pouco com a ex-princesa Rita Hayworth. Anos atrás, Dick apareceu em diversos musicais, inclusive: "Mulheres e Diamantes", com Betty Grable, "A professôra se diverte" com Mauren O'Hara e "Corações Enamorados" com Jeanne Crain. Da Inglaterra o casal Jean Simmons-Stewart Granger, Deborah Kerr e o esplêndido Richard Burton que foi o "astro" de "Eu te matarei querida" e vem aí em "The Robe", com Jean Simmons que, em português, recebeu o título de "Manto Sagrado". Hollywood também perdeu "astros", que preferiram outras plagas inclusive. Doris Dowling, excelente atriz, ora no cinema italiano. Doris foi a amiga de Silvana Mangano em "Arroz Amargo" e a rival de Annette Bach em "Duelo sem honra". Muitos e muitos outros. Marta Toren e Viveca Lindfors, da mesma origem que a magnífica Ingrid Bergman suecas. Leonora Amar, brasileira, mas atriz mexicana, que fêz, em Hollywood, com Richard Greene (inglês) "Capitão Escarlate". A falecida Maria Montez também era de fora. Nascera na República Dominicana. Ezio Pinza, tenor italiano, Cecille Aubry ("Rosa Negra") francesa, Katy Jurado ("Matar ou morrer", México), Mauren O'Hara e John Wayne (irlandeses), Claudete Colbert (francesa) e inúmeros outros. Inclui-se o melhor casal de fora: os inglêses Lawrence Olivier e Vivien Leigh. Dêsses dois nem preciso citar filmes. Seus nomes dispensam qualquer apresentação. Embora queridíssimos do público inglês, trabalham muito mais nos cinemas e palcos americanos... falta de patriotismo? Não creio. É bem possível que seja a atração do desconhecido...

MARIA IRENE GOMES DE MATOS — (Recife)

"NOSSOS JORNAIS CINEMATOGRÁFICOS"

Já caminhamos para os quinze anos de torturas: sempre regatas na Lagoa Rodrigo de Freitas, futebol, veleiros na Guanabara; Maracanã (campeão de aparição em filmes. — Antes era o Mendes de Morais cortando fitinhas), corridas na Gávea, piscinas, etc... Até quando aguentaremos isso?! É preciso que o nosso bom Presidente Getúlio Vargas, tão amigo do cinema brasileiro (que baixou leis de proteção!), baixe, agora, uma leizinha protegendo o pobre espectador! Assim não se aguenta mais! Se os cinemas pudessem vender as poltronas numeradas e tivessem umas boas salas de espera, a gente iria para lá ler um bom jornal no momento da projeção dos citados jornais, mas isso é impossível. Temos que aguentar aquela xaropada que, muitas das vêzes, provoca o sono que se manifesta pelo resto do programa.

Enquanto houver a lei de proteção que obriga o exibidor a aceitar os nossos jornais, seus produtores não se esforçarão por apresentar coisa melhor. Isto é triste. Qualquer festinha zurrapa, conta com um moço de câmara em punho, colhendo aspectos para depois bombardear-nos nas telas de cinema. Êles não gastam nada, pois, até o bonde pode servir-lhes de meio de transporte. Assim é demais! Êsses moços precisam tomar aviões; filmar o Brasil inteiro do Amazonas ao Prata — mostrar o Brasil aos brasileiros e também umas incursões pelo estrangeiro. Dinheiro tem que existir, pois, há tanto tempo êles ganham do espectador sem gastarem nada!

Precisamos mostrar nas telas que o Brasil não é só Rio de Janeiro.

PAULO GUSTAVO — (Niterói)

FERNANDO PEREIRA

Dentre os novos atores do cinema brasileiro, um vem merecendo referências elogiosas da crítica especializada, mercê de seus ótimos trabalhos nos filmes em que figurou. Trata-se de Fernando Pereira, um dos jovens atores do nosso cinema. Vimo-lo pela primeira vez em "Hóspede de Uma Noite" da Iguaçu Filmes, sob a direção de Ugo Lombardi. Cremos que êste tenha sido o seu primeiro filme. Embora a película não tenha sido muito considerada, apesar do argumento ser bem imaginado, o seu trabalho nos impressionou.

Em princípios dêste ano, Fernando Pereira reapareceu em "Luz Apagada" da Vera Cruz, no qual teve magnífico desempenho encarnando admiràvelmente o ajudante do faroleiro. Gostamos bastante dêste filme e falando das interpretações, tôdas seguras, na nossa opinião Fernando Pereira foi o que melhor se houve, roubando para si as glórias da película. Lemos agora sôbre a sua última atuação, que foi em "Gigante de Pedra", e apesar de ainda não termos visto o referido filme, o seu trabalho foi bastante elogiado. O seu próximo filme será "Contrabando", do "Latini Studio" que à estas horas já deve estar em andamento, no qual o talentoso "astro" deverá ratificar, uma vez mais, o seu pendor para a Sétima Arte.

JOSÉ A. ESCHBERGER — (São Leopoldo, Rio G. do Sul)

PARABENS SR. NANI

Em tôdas as épocas, nos quatro cantos do Mundo, o terrificante vivente dêste atribulado Planêta, aliou-se às crenças mais absurdas, nascendo daí a bem humana tendência: à superstição. Forjada nêsse condomínio obscuro de idéias, as mais bizarras figuras num conteúdo místico suplantou-se com formas e tato cruzando eras. Do fantasma camarada, ao dantesco escarcéu nasce conosco, e vive em nossa imaginação, desde o dia que, por ironia, somos avassalados por uma simples insônia e sentimos irritarmo-nos no vai e vem do saudoso berço. As histórias, naturalmente, variam de conteúdo mas, no fundo, a "moral" é sempre a mesma: uma mula sem cabeça, um homem que paira sôbre a água na base dos pés e, em seguida, gesticula e executa passos coreográficos, tôdas com seu tétrico sabor satânico. Não resta dúvida que herdamos êsse legado pocesso de uma hereditária ignorância dos antepassados, seguidos já por um mito ideolNgico impar, causa aliás, muito natural dada a imparcialidade coerente às diversas seitas religiosas. O curioso é observar qu todo o mito ou lenda — seja um "Sacy" um "Negrinho do Pastoreiro" um "Boi Tatá" e tantos outros, na música ou literatura apresentam-se com um sabor agradável por vêzes poético, diferente de quando contados à meia luz espargindo terror em tempos idos.

Transplantados para o cinema — o fantástico sobrenatural imperou desde o seu primeiro tipo, a performance estética da ilusão, criada por um capricho natural na vida humana, apega-se ao ótico como primeiro contato exterior; daí, é natural a inflação orgânica num crescendo intermitente vem a cinematografia alarmando milhares de platéias com camadas grotescas e apavorantes, — as vêzes gafiricas e hilariante, mas sempre com o mesmo sentido. Nos Estados Unidos, país que implantou êsse gênero como arte filmográfica temos dezenas de personagens e respectivos tipos de criação.

No Brasil parece ter um motivo incentivado aos meios cinematográficos logo após ter o "Pampa" criado (O Negrinho do Pastoreiro) o sr. Rodolfo Nani dá-nos uma bela página de lendas e mistificações com o poético (Saci), reverenciando a memória do genial Monteiro Lobato, o novato produtor abstém-se no talento criador do imortal escritor da infância saindo-se as mil maravilhas, com um roteîro bem nosso, mandou as crianças brincar e filmou a naturalidade inocente e cativante das personagens no livro: Parabéns senhor Nani.

R. R. QUEVEDO

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

—//—

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de «Artes e Modas», curso de Professôras ou Contra-mestres.

NOME

RUA Nº

CIDADE ESTADO

QUAIS OS FILMES QUE...

(Cont. da pág. 17)

José Cohen é co-diretor, com Eduardo De Soto, na Distribuidora e Produtora Americana de Filmes S.A., tendo a seu cargo a gerência geral para o Brasil. Largamente conhecido nas esferas de cinema do país, pois dirigiu, por vários anos, diversas outras emprêsas, inclusive a Cadef, desfruta de grande e merecido prestigio no meio.

Através da sua opinião, "Cavalcade", de Frank Lloyd, foi o maior filme de qualquer fase do cinema.

Além desta imortal obra de cinema, inclui mais quatro filmes, formando, assim os cinco que mais vontade teria de rever: "Em busca do ouro" (de Chaplin), "Adeus Mr. Chips" (de Sam Wood), "Coronel Chabert" (filme francês de Raimu, grande realização, que passou despercebido no Rio, por ter sido estreado como um "bólide", no Cine Iris!), e "Onde morrem as palavras" (o filme argentino que apresentou o "ballet" "Ressurreição").

O sr. José M. Henriques, a amabilidade em pessoa, é outro conceituado homem de cinema. Há dezenas de anos vem prestando os seus inestimáveis serviços na RKO do Brasil, sendo atualmente o gerente geral. Foram bem interessantes as suas considerações lembrando, particularmente, diversos grandes filmes, tanto do passado quanto da época contemporânea. Comentou também um grupo à parte, o das obras-primas que não conseguem o apoio do público, citando diversos exemplos e, inclusive, "Cidadão Kane".

Foi um belissimo filme o que escolheu para o melhor, em qualquer fase do cinema: "A felicidade não se compra", de Frank Cappra, com James Stewart e Donna Reed. Para o grupo dos cinco que mais desejaria rever, incluiu: "Não matarás", talvez o maior filme da carreira do genial Lubitsch; "Os melhores anos de nossa vida", "Cidadão Kane", "Emile Zola" e um velho filme silencioso, do qual tem eternas lembranças: "A cabana do pai Tomás".

O sr. Arthur de Castro, vem de ser merecidamente homenageado. Há pouco, completou 30 anos de serviços prestados à 20th. C. Fox, na qualidade de diretor de publicidade. A sua vasta experiência do ramo a que se dedicou, o particular interêsse que também dedica ao cinema encarado como arte, fêz com que recordasse, com emoção, os grandes filmes de outrora.

Como a obra máxima do cinema, em qualquer fase, coloca — opinião idêntica tiveram, aliás, vários dos seus colegas — o inesquecível "Cavalcade", de Frank Lloyd. Não apenas teria vontade de rever esta pelicula, como distinguiu quatro outras mais, a fim de completar o quinteto:

"Mascarada", de Willy Forst, uma das maiores expressões do cinema "Mayerling", versão francesa, com Charles Boyer e Danielle Darrieux; "O grande Gabbo" (reexibido há pouco, no Festival Internacional de S. Paulo) e "La Bohème", antigo filme silencioso, com John Gilbert e Lillian Gish.

O sr. Gilberto Souto tem um passado e presente merecidamente célebres no Brasil. Foi critico de cinema do "Correio da Manhã" (um dos pioneiros no setor) e, além de diversas outras publicações, critico e, mais tarde, correspondente da extinta revista "Cinearte" nos Estados Unidos. De Hollywood remetia crônicas que eram muito admiradas no país. Por mais de 10 anos foi um dos bons auxiiares técnicos da grande equipe de Walt Disney. Com saudades do pais natal e a convite da United Artists regressou ao Brasil a fim de ocupar o cargo de diretor de publicidade da emprêsa, pôsto que vem desenvolvendo com a sua reconhecida capacidade.

Gilberto Souto não hesitou ao classificar o melhor filme de qualquer fase do cinema: "Luzes da cidade", o imortal trabalho de Chaplin, no èpilogo do cinema silencioso. E relacionou os cinco que mais gostaria de rever distinguindo, em primeiro, "A dama das camélias", com Greta Garbo; "Cabiria", um dos filmes silenciosos que fixaram um dos momentos culminantes para o desenvolvimento da arte; "Desencanto", aquêle inolvidável filme de um amor outonal, entre Celia Johnson e Trevor Howard e "Em busca do ouro", outro imenso filme, de Chaplin.

O sr. Osvaldo Rocha representa outro tradicional nome em nosso ambiente de cinema. A eficiência e o cavalheirismo se aliam aos méritos que o levaram a vencer, por exemplo, um grande concurso internacional de publicidade por cujo triunfo ganhou uma viagem e estada plena de atrações nos Estados Unidos.

Saudosista de indole, não relutou em escolher a versão silenciosa de "Beau Geste" como o filme que mais o impressionou em tôda a história do cinema.

Para os cinco que mais desejo teria de rever incluiu dois filmes silenciosos e três falados, a saber: "Intolerância" (de Griffith, outro incluido entre os grandes momentos do cinema); "Macho e fêmea" (ou "De fidalga a escrava", o famoso filme de Gloria Swanson e Thomas Meighan), "Horizonte perdido" (de Frank Cappra), "Se eu tivesse um milhão", de Lubitsch e outros diretores e "Do mundo nada se leva", de Cappra.

O sr. P.S. Germano, dedicado assistente do diretor geral da Paramount, também revelou, como diversos colegas seus, uma nítida ascendência em favor do cinema antigo. Entre os cinco filmes que desejaria rever, quatro são antiqüíssimos:

"Os dez mandamentos" (silencioso, de Cecil B. de Mille), "Alvorada do amor" (um dos primeiros "talkies" de sucesso, de Lubitsch), "Escolas do trabalho" (De William Farnum, um dos primeiros idolos da tela!),

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica. Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON". Nº. . . . . .

NOME. . . . .

RUA. . . . . Nº. . . . .

CIDADE. . . . .

ESTADO. . . . .

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00



CABELOS BRANCOS

só tem quem quer

JUVENTUDE ALEXANDRE

USA E NÃO MUDA,

quem os não quer

"O garôto" (de Chaplin, ao lado de Jack Coogan) e um bem recente: "Sansão e Dalila", novamente de De Mille.

Para o melhor filme de qualquer fase do cinema escolhe um ainda inédito para o público: "A princesa e o plebeu".

(Continua no próximo número)

A NOSSA CAPA

(Continuação da página 26)

Em 24 de abril de 1943, depois de um namôro de dois anos, casou-se com Bob Waterfiel, "astro" de rubgy e com quem vive feliz até hoje, em companhia de seus filhos adotivos Tracy e Thomas Kavanagh. Seu marido estêve na guerra e só cinco anos depois do casamento é que construíram a casa em San Fernando Valley. Ela, durante a guerra, deu "shows" para os soldados e tudo o que fazia era recitar e dar autógrafos. Decidiu, então, aprender algumas canções e a sua voz começou a agradar.

Entre seus filmes citam-se: "Escrava de uma Lembrança", depois de passar sem trabalhar seis anos e onde recebeu o primeiro beijo cinematográfico de Louis Hayward. "O Valente Treme-Treme", com Bob Hope, que fê-la cantar neste filme, sendo a canção premiada. "O Filho do Treme-Treme" continuação do primeiro, "Macau", "Os Homens Preferem as Louras", "Montana Belle", "Seu Tipo de Mulher", "It's Only Money".

Jane é calada e meia tímida. Preocupa-se muito com a sua vida familiar, simples e calma. Tem jeito para a decoração interior. Assim de vez em quando, muda as côres das paredes de sua cozinha e os drapeados das cortinas. Nas horas vagas pinta quadros, que já estão ficando conhecidos. É profundamente religiosa, dando até muitos donativos às instituições de caridade. Bob Hope, diz: "Que o futuro dela está na frente". Enquanto que Jimmy Durante acrescenta: "Não importa a voz... mas... o lugar de onde vem..."

E assim é a "estrêla", uma das mais célebres dos últimos tempos e "Que espera vencer e ultrapassar esta reputação de sensualidade"

A CENA MUDA

Fundada em 1921

Secretário
Oswaldo de Oliveira
(Jonald)

Publicidade
J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega

Desenho e Paginação
Luiz Lléo Sampaio

Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino — R. Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569.
Publicidade: W. Farinello — Rua S. Bento, 220, 3º andar — Telefone: 32-1512.

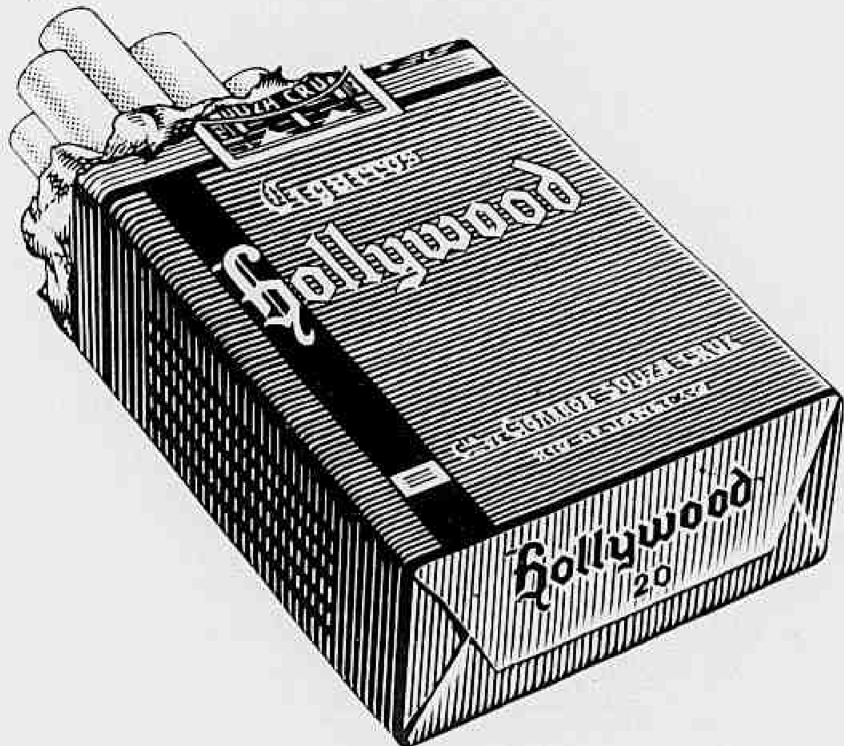
PREÇOS

Número avulso em todo o território Nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$ 200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$ 350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$ 180,00



"Decoradora de interiores"...

... é aquela que, graças ao seu bom gôsto e à sua sensibilidade, sabe descobrir os segredos que fazem os ambientes confortáveis e elegantes. Êsse bom gôsto e essa sensibilidade é que levam os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

H-88.266

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

NO PRÓXIMO NÚMERO:

- ★ O CASAL JEAN SIMONS-STEWART GRANGER.
- ★ GRANDES VULTOS: LAURENCE OLIVIER
- ★ UM SONHO EM VERSAILLES
- ★ REPORTAGEM COM TIRONE POWER
- ★ OS ÍDOLOS DO PASSADO (UM CONCURSO EM 1919!)

